



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

JOSIEL PINTO DA SILVA

**DESAFIOS DA EVASÃO ESCOLAR DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Olhares de professores da EMEIF na
Comunidade Água Branca do município de Itaituba- Pará**

**ITAITUBA/ PA
2021**

JOSIEL PINTO DA SILVA

**DESAFIOS DA EVASÃO ESCOLAR DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Olhares de professores da EMEIF na
Comunidade Água Branca do município de Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Itaituba - PA
2021

JOSIEL PINTO DA SILVA

**DESAFIOS DA EVASÃO ESCOLAR DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Olhares de professores da EMEIF comunidade Água Branca
do município de Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____
Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ **Nota:** _____
Prof.^a Margaret Ferreira de Aguiar, Esp.

Avaliador 2: _____ **Nota:** _____
Prof.^a Edilane da Silva Melo, Esp.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 06 de Julho de 2021.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso
a Deus, pela força maior a mim concedida; e
à minha família, pelo apoio durante minha
caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sua Supremacia Divina;

Ao meu pai, Luiz Alves da Silva e À ^{me}minha mãe Rosângela Pinto, por suas presenças e sempre que eu preciso apoio~~m-se~~ em tudo;

Ao meu grande amigo Carlos Rogério do Valle Albuquerque, pelo total apoio e solidariedade, que fez- me capaz de concluir esta graduação;

À minha orientadora Profa. Lúcia Maria da Costa Cruz, pele seu empenho e dedicação durante a orientação deste trabalho;

Aos professores da Faculdade de Itaituba- FAI, pela contribuição ao repassar conhecimentos;

Aos colegas e amigos que construí no decorrer do curso, que me fizeram prosseguir ao ajudar-me nos momentos difíceis;

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha vitória, os meus cordiais agradecimentos.

“É preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a necessidade de sair de nós próprios para ceder à escola das coisas, se as queremos conhecer e compreender.”

(Émile-Durkheim)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de Curso, intitulado “evasão Escolar”, com uma análise a alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, ocorreu uma pesquisa bibliográfica e de campo com abordagem qualitativa, em outubro de 2020, com professores que trabalham na EMEF na comunidade de “Água Branca” em Itaituba- Pará. As questões que direcionaram o trabalho foram: Quais são os desafios dos professores com a evasão escolar? Quais medidas são tomadas para evitar a evasão ou o fracasso escolar? Quais as causas da evasão na escola analisada? Os objetivos consistiram em analisar percepções de professores relativas à evasão escolar. compreender os desafios dos professores com a problemática da evasão escolar, verificar se a escola adota medidas para evitar a evasão e o fracasso escolar; e identificar causas da evasão no ambiente escolar analisado. Sendo estruturado em três capítulos, o trabalho abordou o contexto histórico da educação no Brasil, enfatizou uma realidade que precisa ser trabalhada com um olhar diferenciado, que é a evasão e o fracasso escolar; onde percebeu-se através do estudo que a evasão na escola mencionada ocorre por vários fatores, a começar pelo fato da mesma está localizada numa região campesina, zona rural. Dessa forma, os desafios pelo abandono escolar tornam-se frequente e os professores, junto às famílias e comunidade precisam intervir com um trabalho coletivo, a fim de evitar a evasão escolar ocorrente na escola.

PALAVRAS- CHAVE: Evasão. Fracasso escolar. Aprendizagem.

ABSTRACT

This course conclusion work, entitled "School dropout", with an analysis of students from the 6th to the 9th grade of Elementary School. To this end, a bibliographic and field research with a qualitative approach took place, in October 2020, with teachers working at EMEF in the community of "Água Branca" in Itaituba-Pará. The questions that guided the work were: What are the challenges of teachers with school dropout? What measures are taken to prevent school dropout or failure? What are the causes of dropout in the analyzed school? The objectives were to analyze teachers' perceptions of school dropout. understand the challenges of teachers with the problem of school dropout, check if the school adopts measures to prevent school dropout and failure; and to identify causes of dropout in the analyzed school environment. Being structured in three chapters, the work addressed the historical context of education in Brazil, emphasized a reality that needs to be worked with a different look, which is school dropout and failure; where it was realized through the study that dropout in the mentioned school occurs for several factors, starting with the fact that it is located in a peasant region, rural area. Thus, the challenges of dropping out of school become frequent and teachers, together with families and the community, need to intervene with collective work, in order to avoid school dropout occurring at school.

KEYWORDS: Evasion. School failure. Learning

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Nesta escola, é frequente a Evasão Escolar? Fale sobre	45
QUADRO 02	Quais são os desafios dos professores com a evasão escolar?.....	46
QUADRO 03	Quais disciplinas os alunos têm mais dificuldades de aprendizagem?	48
QUADRO 04	Quais são Causas da evasão escolar?.....	49
QUADRO 05	Trace o perfil do aluno do 5º ao 9º Ano que estudam na referida Escola	51
QUADRO 06	Quase estratégias são utilizadas para estimular os alunos a permanecerem até à conclusão do curso?.....	52
QUADRO07	Os pais colaboram com a educação dos filhos? Justifique sua resposta	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	14
1.1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	14
1.2 PRINCÍPIOSE FINALIDADE DA EDUCAÇÃO	18
1.3 EDUCAÇÃO: DIREITO DE TODOS	19
1.4 A ESCOLA E OS DESAFIOS EDUCACIONAIS	23
2 EVASÃO ESCOLAR: REALIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL	29
2.1 EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS PARA O ALUNO	29
2.2 FRACASSO ESCOLAR: UMA REALIDADE NA EDUCAÇÃO ATUAL ...	32
2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES	35
2.4 A NECESSIDADE DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS EM SALA DE AULA	38
3 DESAFIOS DA EVASÃO ESCOLAR DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: OLHARES DE PROFESSORES DA COMUNIDADE ÁGUA BRANCA EM ITAITUBA- PARÁ	43
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	43
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	44
3.4 RESULTADOS DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	45
3.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	56
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE	62

INTRODUÇÃO

Atualmente, o abandono escolar é um fenômeno que afasta da escola milhares de alunos que poderão vir a se tornar os futuros excluídos da sociedade e do mercado de trabalho, tornando-se um dos importantes problemas enfrentados por gestores e educadores e, por conseguinte, pela sociedade, relativo aos sujeitos no aspecto educacional.

Diante disso, o presente Trabalho de Conclusão de curso, abordou a evasão escolar na EMEF da comunidade de “Água Branca” em Itaituba-Pará, no período da segunda quinzena do mês de Outubro de 2020, a partir de uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico e uma investigação de campo com abordagem qualitativa, exploratória, onde analisou-se os desafios da Evasão Escolar, do 6º ao 9º anos da Educação do Ensino Fundamental.

Considerou-se a busca pelas respostas das seguintes questões que direcionaram o trabalho, tais como Quais são os desafios dos professores com a evasão escolar? Quais medidas são tomadas para evitar a evasão ou o fracasso escolar? Quais as causas da evasão na escola analisada?

Almejou-se alcançar os objetivos que consistiram em analisar percepções de professores relativas à evasão escolar; Compreender os desafios dos professores com a problemática da evasão escolar; Verificar se a escola adota medidas para evitar a evasão e o fracasso escolar e identificar causas da evasão no ambiente escolar analisado.

A estrutura deste, está disposta em três capítulos, em que o primeiro tratou do contexto histórico da educação no Brasil, contextualizando a educação brasileira; Os Princípios e Finalidade da Educação; a educação como direito de todos; e a escola com os desafios educacionais que devem ser trabalhados como instância educadora.

O segundo capítulo abordou a evasão escolar e sua realidade no contexto educacional; a Evasão Escolar: causas e consequências para o aluno; o fracasso escolar, explanando uma realidade na educação atual e práticas pedagógicas docentes, como também a necessidade de estratégias metodológicas em sala de aula.

O terceiro capítulo, explanou o resultado da pesquisa, com os desafios da evasão escolar do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, a caracterização da escola, os procedimentos metodológicos; Os perfis dos professores entrevistados; e o resultados da pesquisa com os docentes, as propostas de intervenção; e a conclusão.

Portanto, percebeu-se que a evasão escolar está relacionada a casos de repetência, abandono e fracasso ao aluno. Por isso, precisa-se buscar soluções e enfrentamento dos principais problemas que impedem a permanência e a conclusão dos estudos na idade adequada dos alunos e adolescentes em situação vulnerabilidade social. É necessário acompanhar os fatos, para que a escola investigada possa obter mais sucesso, frequência e aprovação como também a conclusão do ensino fundamental que embasa o aluno para uma sequência educacional e preparação para a vida em sociedade.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

1.1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A educação é um dos aspectos e uma das dimensões essenciais na evolução do ser humano, pois em cada conquista rumo à civilização, faz-se presente junto a esta, a necessidade de transmissão aos semelhantes. Assim, pode-se dizer que a educação nasce como meio de garantir às outras pessoas àquilo que um determinado grupo aprendeu, dando seguimento ao desenvolvimento intelectual.

O homem pode se instrumentalizar culturalmente, com a educação, capacitando-se para transformações tanto materiais, quanto espirituais. Isto consiste em desenvolvimento social. Sem ela, até mesmo as sociedades mais avançadas retornariam ao estado primitivo em pouco tempo. Ela oferece uma base de conhecimento para todas as pessoas, de todas as idades.

Assim, a história do Brasil é marcada pela dependência, exploração, violência, desrespeito às diferenças culturais e privilégio de alguns em detrimento da grande maioria da população. Sobretudo, com a chegada do elemento europeu ao Brasil que essa situação inicia-se, provocando um choque cultural que rebaixa o índio e, posteriormente, o negro e enaltece o branco, seu projeto de colonização e seu desejo desmedido de expandir-se territorial e economicamente, em uma terra onde já havia habitantes com seus costumes e culturas.

[...] Uma educação focada exclusivamente na catequização. Foi assim que nasceu o embrião do ensino no Brasil, em 1549, quando os primeiros jesuítas desembarcaram na Bahia. A educação pensada pela Igreja Católica - que mantinha uma relação estreita com o governo português - tinha como objetivo converter a alma do índio brasileiro à fé cristã. Havia uma divisão clara de ensino: as aulas lecionadas para os índios ocorriam em escolas improvisadas, construídas pelos próprios indígenas, nas chamadas missões; já os filhos dos colonos recebiam o conhecimento nos colégios, locais mais estruturados por conta do investimento mais pesado. "Os índios são papel em branco", escreveu, certa vez, o líder jesuíta no Brasil, o "locais mais estruturados por conta do investimento mais pesado. (REV. GAZETA DO POVO, 2019, S/P).

A herança da escravidão tem consequências de longo prazo para a evolução do sistema educacional, porque cria problemas específicos para a extensão do acesso à escola. De um lado, pelas mudanças de tradições, valores e hábitos exigidas de uma população, para a qual a escola não faz parte da perspectiva normal de vida nem integra sua tradição cultural. De outro lado, pela resistência das

elites tradicionais em estenderem a cidadania a escravos e ex-escravos e, portanto, pela dificuldade em aceitarem e promoverem o ideal da escolarização universal como fundamento das políticas públicas implantadas aqui.

Desta maneira, perdura a perspectiva econômica, a abolição tardia da escravidão associada à manutenção de tecnologias primitivas e formas tradicionais de trabalho e dominação, assim como à persistência de uma economia de subsistência em grande parte da zona rural e do campo.

Neste sentido, para uma população nessas condições, a escola não é vista como instrumento para a melhoria da situação de vida das pessoas. Da mesma forma, nas regiões mais tradicionais do Brasil, na ausência de um processo de industrialização, a escolarização não constitui exigência para o acesso ao mercado de trabalho urbano nem instrumento de mobilidade social, a não ser para camadas privilegiadas da população que se instalaram para tirar vantagens em todos os aspectos.

De acordo com os registros históricos, a hierarquia familiar dos portugueses funcionava da seguinte maneira: o primogênito teria direito sobre todas as propriedades da família; o segundo filho era enviado aos colégios e, possivelmente, completaria seus estudos superiores na Europa; já o terceiro seria entregue à Igreja para seguir a vida religiosa. A educação letrada no Brasil colonial era direcionada somente aos homens. As mulheres não tinham acesso aos colégios e eram educadas somente para a vida doméstica e religiosa. (REV. GAZETA DO POVO, 2018, s/p)

Durante todo o século XIX, quando ampliava-se a cidadania e universalizava-se a educação básica nos países desenvolvidos, o Brasil permanecia uma sociedade escravocrata. Predominada a escravidão, submissa aos mais fortes que dominavam os mais fracos.

O Brasil foi a última nação ocidental a abolir a escravidão africana; a extensão da cidadania à maioria da população, constituída por escravos, ex-escravos e seus descendentes, só começou a se colocar como problema real no início deste século.

A Constituição de 1988 significou uma grande mudança no quadro legal da política educacional brasileira. Pela primeira vez na história, a educação tornou-se efetivamente um direito, de modo que caberia ao Estado garantir, de forma obrigatória, o ensino das crianças de sete a 14 anos.

Assim, outros dispositivos constitucionais apontaram a necessidade de ampliar a oferta em todos os níveis e modalidades de ensino, algo que foi reforçado, na década seguinte, pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Foi iniciado, assim, um ciclo de transformações inédito no Brasil, pois o país, desde a independência, nunca conseguira colocar a educação no centro da agenda pública, valorizando a população e proporcionando várias modalidades. Já tinha havido uma tentativa de mudar esse cenário, com o arrojado e visionário manifesto dos Pioneiros, de 1932, mas, infelizmente, ele fracassou e deixou de ser perseguido como projeto.

Esse atraso secular, mais evidente quando comparado a nações desenvolvidas e mesmo a vizinhos latino-americanos, dimensionou o tamanho do desafio que o Brasil enfrentou nas últimas duas décadas e meia. Diversos atores sociais e governamentais mobilizaram-se pelo direito à educação e muitas transformações ocorreram. A situação atual demonstrou a enorme ampliação da política educacional nesse período, criando um dos maiores e mais complexos sistemas de ensino do mundo.

Diante desse cenário, esses desafios, tanto relativos à universalização quanto à qualidade, afetam principalmente a parcela mais carente da sociedade: os mais pobres, os negros e os indígenas, a população do campo e as crianças com deficiência. Era fundamental que a busca da melhoria do ensino levasse em conta o princípio da equidade, pois a desigualdade educacional sempre foi um legado histórico e ainda uma marca do país. Desse modo, inclusão e qualidade devem andar juntas no campo da educação, sem discriminação e preconceito.

Como diz Meksenas (2002), a educação nasce quando se transmite e se assegura as outras pessoas o conhecimento de crenças, técnicas e hábitos que um grupo social já desenvolveu, a partir de suas experiências de sobrevivência. Neste sentido, pode-se afirmar que o nascimento da educação surge quando o ser humano sente a necessidade de converter as suas práticas cotidianas ao seu semelhante.

Atualmente, o país vem buscando reverter um cenário crítico, aprovando importantes medidas nos últimos anos. A aprovação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), em 2006, foi um importante passo na busca pela ampliação das vagas e do atendimento na Educação Básica, principalmente na Educação

Infantil, que não estava incluída no antigo Fundef e contemplava apenas o Ensino fundamental do primeiro ao oitavo anos..

Desse modo, no que se refere à melhoria da qualidade na escola brasileira, principalmente no final do século XX, Nosella (2002), afirma que, quanto à necessidade de superação da política educacional populista e corporativista introduzida no ensino brasileiro; a escola brasileira precisaria rever questões como o resgate da qualidade de formação do profissional da educação, a expansão da escolarização pelo sistema supletivo, especialmente aqueles em horários noturnos, dentre outros, tendo a obrigação de, simultaneamente, fazer uma constante avaliação que certamente garantirá a qualidade do ensino e a presença do aluno em sala de aula.

Diante de tantas dificuldades e empecilhos, há de se reconhecer o esforço feito nas últimas décadas para universalizar a educação básica, ao mesmo tempo em que se ampliava o acesso ao ensino médio e superior aos cidadãos brasileiros. Como assegura Aranha (2006),

[...] estudar a educação e suas teorias no contexto histórico em que surgiram, para observar a concomitância entre suas crises e as do sistema social, não significa, porém, que essa sincronia deva ser entendida como simples paralelismo entre fatos da educação e fatos políticos e sociais. Na verdade, as questões de educação são engendradas nas reações que se estabelecem entre as pessoas nos diversos segmentos da comunidade. A educação não é, portanto, um fenômeno neutro, mas sofre efeitos do jogo do poder, por estar de fato envolvida na política. (ARANHA, 2006, p. 24)

Neste aspecto, ao estudar a História da Educação pode-se compreender que não há mudanças sem esta e pode-se pensar os indivíduos como agentes construtores de história, ou seja, precisa-se perceber a importância da educação na sociedade e na formação cultural, social e econômica dela, sempre reconhecendo o sujeito e sua importância com o desenvolvimento intelectual.

Dessa forma, o Brasil apresenta, em cada período de sua história, realidades e contextos diferentes, que evidentemente, não difere o modelo de educação destinado às classes populares, como uma educação domesticadora, elitista, reacionária; não raro às vezes, em precárias condições, privando-as, assim, de uma educação democrática, libertadora, transformadora e realmente de qualidade, com agentes diretos qualificados para a missão de educar e desenvolver integralmente.

1.2 PRINCÍPIOS E FINALIDADE DA EDUCAÇÃO

É evidente que ao se falar em princípios que regem a educação, não se pode deixar de abordar o princípio basilar do Estado Democrático de Direito, o princípio da dignidade da pessoa humana, que são verdadeiros vetores de onde jorram todos os outros princípios que norteiam o direito à educação do cidadão destinado ao brasileiro.

Neste aspecto, a Constituição, ao prescrever no inciso I do art. 206, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar pensamentos, a arte e o saber, está ratificando os valores básicos de um Estado Democrático de Direito. Mas, não deve-se esquecer as limitações desta liberdade; pois, se vinculam a normas gerais da educação; É que a liberdade está no que a lei autoriza, aplicando-se o princípio da legalidade que é matriz da administração pública; pois, se o ensino é obrigação do Estado, rege-se por suas normas, regras e leis.

Diante dessa questão, é inegável que as normas constitucionais que norteiam o direito à educação, encontram-se alicerçadas nos princípios. Fato este que se encontra notório ao analisar o artigo 208, inciso I da Constituição Federal, que estabelece o ensino fundamental obrigatório e gratuito, ao mesmo tempo em que o parágrafo primeiro o proclama direito público subjetivo, garantindo assim a sua aplicação imediata, bem como a incontestável tutela jurisdicional. Canotilho (1999), , afirma:

(...) princípios são normas que exigem a realização de algo, da melhor forma possível, de acordo com possibilidades fáticas e jurídicas. Os princípios não proíbem, permitem ou exigem algo em termos de "tudo" ou "nada"; impõem a otimização de um direito ou de um bem jurídico, tendo em conta a 'reserva do possível', fática ou jurídica. (CANOTILHO, 1999.p.117):

Assim, a educação que se encontra inserida listada nos direitos sociais ou de segunda grandeza, por sua natureza positiva, confere ao Estado uma obrigação de fazer, ao mesmo tempo, por estar fundamentada em princípios, não estabelece uma norma semelhante à regra, definindo condutas bem como suas consequências.

Diante disso, o que se tem é uma norma que por um lado não define o tratamento jurídico a ser aplicado a um caso concreto; por outro devido a sua amplitude, confere um vasto leque de alternativa para soluções de conflitos, tendo

por base a ponderação de valores; constituindo este o meio mais adequado na luta do judiciário para solucionar os conflitos vivenciados pela sociedade e para ela.

Portanto, ao viabilizar uma educação de qualidade a todos os seus cidadãos, o Estado está proporcionando que todo sem qualquer discriminação seja merecedor de uma vida digna, diminuindo as desigualdades sociais, origem de tantas mazelas que atormentam o povo, ao mesmo tempo em que atribui capacidade aos seus cidadãos de reivindicar os seus direitos, o que só se torna possível graças ao conhecimento do mesmo ou pela educação que liberta e torna o sujeito crítico e reflexivo. Enfim, a dignidade da pessoa humana tal como educação, representa a própria subsistência da espécie, a vida, a liberdade.

1.3 EDUCAÇÃO: DIREITO DE TODOS

Atualmente, no momento em que a cidadania enfrenta novos desafios, busca novos espaços de atuação e abre novas áreas por meio das grandes transformações pelas quais passa o mundo contemporâneo, é importante ter o conhecimento de realidades que, no passado tiveram um significado; e no presente, ainda significam passos relevantes no sentido da garantia de um futuro melhor para todos os cidadãos.

O direito à educação escolar ou sistematizada é um desses espaços que não perderam e nem perderão sua atualidade. A Lei, por si não muda a realidade, mas indica caminhos, orienta o cidadão e a sociedade dos seus direitos, propiciando a exigência do que nela está contido e que devem usufruir. A LDBEN 9394/96, assinala como diretrizes, a inclusão, a valorização da diversidade, a flexibilidade, a qualidade e a autonomia, assim como, a competência para o trabalho e a cidadania e o usufruto de toda a cidadania.

Dessa forma, o Direito à educação é parte de um conjunto de direitos chamados de sociais, que têm como inspiração o valor da igualdade entre as pessoas. No Brasil este apenas foi reconhecido na Constituição Federal de 1988. Antes disso, o Estado não tinha a obrigação formal de garantir a educação de qualidade a todos os brasileiros; o ensino público era tratado como uma assistência, um amparo dado àqueles que não podiam pagar.

Segundo a Constituição Federal de 1988, "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". (BRASIL, 1988)

O fato que chamou a atenção, por ser novo na Constituição Federal de 1988, é a colaboração da família, através da promoção e do incentivo, no processo educativo. Além disso, nada impede, portanto, que a sociedade civil organizada, representada por associações comunitárias, entidades religiosas e organizações não governamentais, possa, em conjunto com o Estado, realizar o trabalho em comum de educar as pessoas mesmo de forma diferenciada, podendo ser assistemática.

Deve-se entender o alcance da educação como direito de todos. A educação é a prerrogativa que todas as pessoas possuem de exigir do Estado a prática educativa, com desenvolvimento intelectual. Sem empecilho, a educação como direito de todos aparece, pela primeira vez, na Constituição de 1934. O artigo 149 da Constituição de 1934 assim se pronuncia sobre a educação:

A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no país, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolver num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana. (BRASIL, 1996, s/p)

Dentro da relação dos direitos humanos fundamentais, encontra-se o direito à educação, amparado por normas nacionais e internacionais. Trata-se de um direito fundamental, porque inclui um processo de desenvolvimento individual próprio à condição humana e deve suprir suas necessidades em relação ao conhecimento.

A educação consiste em desenvolvimento integral do sujeito e deve ser levada a sério com responsabilidade. Neste aspecto, Mello (1986) ao conceituar educação deixa transparecer o seu valor para a formação do cidadão e de toda a sociedade, que deve ter seu desenvolvimento integral garantido:

[...]A educação objetiva propiciar a formação necessária ao desenvolvimento das aptidões, das potencialidades e da personalidade do educando. O processo educacional tem por meta: (a) qualificar o educando para o trabalho; (b) prepará-lo para o exercício consciente da cidadania. O acesso à educação é uma das formas de realização concreta do ideal democrático. (FILHO, 1986, p. 533)

O autor acima afirma que na realidade, a educação se encontra o poder de transformar toda a realidade de uma pessoa, de um Estado, de um País; pois constitui uma forma de libertação, capaz de gerar segurança, reconhecimento,

valorização do trabalho humano, respeito aos princípios basilares da vida em sociedade, tais como, liberdade, igualdade, solidariedade. Sobretudo, sem educação não há saúde, segurança, não há democracia, não há futuro e nem expectativa de vida melhor.

Assim, a Constituição Federal no Capítulo III, artigo 205, estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, ingressando no ordenamento jurídico pela norma de hierarquia superior, motivo pelo qual a sua aplicação encontra sujeita ao controle do direito de todos os cidadãos.

Art.205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Mediante a questão, a educação é um processo contínuo, que inicia com o nascimento com vida, quando passa-se a ser sujeito de direito, cabendo à família e ao Estado o dever de cuidar, de propiciar a realização plena do ser humano, para assim como sujeito que deve usufruir de sua cidadania e dever se inserir no Estado Democrático de Direito.

Considera-se, dessa forma, devidamente qualificado para o mercado de trabalho, concluindo assim funções estabelecidas na Constituição. Entretanto, tanto o Estado, como a família ou a sociedade, sempre estará presente no processo educacional, às vezes em menores ou maiores dimensões dentro da sociedade, para que o cidadão esteja bem assistido, de acordo com seus direitos.

Na questão dos direitos humanos fundamentais, encontra-se o direito à educação, amparado por normas nacionais e internacionais. Trata-se de um direito fundamental, porque inclui um processo de desenvolvimento individual próprio à condição humana. Conforme Marshall (2002),

[...] O Estado garante que todas as crianças serão educadas, este tem em mente, sem sombra de dúvida, as exigências e a natureza da cidadania. Está tentando estimular o desenvolvimento de cidadãos em formação. O direito à educação é um direito social de cidadania genuíno porque o objetivo da educação durante a infância é moldar o adulto em perspectiva. Basicamente, deveria ser considerado não como o direito da criança frequentar a escola, mas como o direito do cidadão adulto ter sido educado. (MARSHALL. 2002, p. 73)

Considerando-se que Brasil apresenta, de forma agravada, algumas características próprias de países em desenvolvimento, entre as quais enorme

desigualdade na distribuição da renda e imensas deficiências no sistema educacional, existem problemas estão obviamente associados. Não é possível, hoje em dia, aumentar substancialmente a renda média de adultos sem instrução, nem se consegue educar adequadamente crianças cujas famílias vivem na marginalidade e com baixíssima renda, com família numerosa e tendo direito a usufruírem.

Por isso mesmo, ao se traçar uma política educacional, há de se evitar a posição simplista de que se pode resolver o problema da pobreza apenas abrindo escolas. Pobreza e ausência de escolarização são deficiências que somente poderão ser superadas se enfrentadas simultaneamente, cada uma em seu lugar próprio.

O direito à educação deve ser vislumbrado como condição essencial para uma vida digna, como direito fundamental que é, baseia-se diretamente no princípio da dignidade humana e a sua efetivação constitui condição essencial para o alcance da justiça social.

Ressalta-se, ainda, que educação coincide com a própria existência humana e suas origens se confundem com a origem do próprio homem. Estudar a educação é, também, poder compreender que a escola, como instituição, muitas vezes, não tem poder de modificar o que está estabelecido, que é a estrutura social. Conforme Gadotti (1995, p.83), "a força da educação está no seu poder de mudar comportamentos. Mudar comportamentos significa romper com certas posturas, superar dogmas, desinstalar-se, contradizer-se".

Diante disso, pode-se dizer que a força da educação está na ideologia. Diante dos vários problemas da sociedade contemporânea, como a desvalorização profissional, desemprego, violência, modificações das relações familiares, formas diferentes de viver, tem-se como papel fundamental da área educacional, o de fornecer o conhecimento, para que as pessoas possam ter possibilidades e autonomia de participar efetivamente das políticas, continuando assim, a lutar por igualdade de direitos.

Nesse sentido, a educação, em termos de Brasil, deve ser tratada como uma política social, que tem como compromisso fundamental à garantia dos direitos do cidadão; ou ainda a escola deve assumir um novo papel frente à sociedade, que é o de propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais de nem a frequenta.

Portanto, um dos desafios encontrados atualmente no setor educacional é a mudança de ideologia impregnada na sociedade, uma alteração da concepção de

ensino e do papel da escola enquanto instituição social para todos. Busca-se uma escola democrática, pluralista, que venha valorizar a diversidade frente às problemáticas sociais perpassadas pelo educador e educando em um ambiente de escolarização e saber sistemático.

1.4 A ESCOLA E OS DESAFIOS EDUCACIONAIS

Atualmente, a escola, mais do que nunca, tem como papel diante da sociedade, propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais, especialmente a educação escolarizada. Neste contexto, o setor educacional tem o papel de possibilitar e de oferecer alternativas para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidade de se reintegrar através da participação.

Assim, a luta pela universalidade de direitos sociais e do resgate da cidadania, apresenta desafios de várias ordens, as quais estão inclusas, as estruturais, pedagógicos, financeiros, sociais, culturais. Os problemas educacionais no Brasil além de diversos são também complexos; pois muitas escolas tem uma estrutura física incompatível com a clientela que atende.

Os problemas sempre continuam. Existem prédios pequenos demais para o número de alunos, falta pátio, biblioteca, quadra para as aulas de educação física, muros para garantir a segurança dos discentes, em outras o corpo docente não tem formação superior na área em que atua, e os professores que possuem formação não fazem ou não fizeram nenhuma capacitação, o que torna seus conhecimentos e métodos de trabalho menos atrativos e motivadores para os alunos, criando um abismo em sala de aula, que precisam de interação para aprendizagem acontecer.

Mediante a situação, Freire (2002, p. 82) ressalta que “[...] o homem é da integração. A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente [...]”. Entretanto, o que o autor afirma, é que a classe dominante impõe o que deve ou não ser aprendido, apreendido e compreendido pelo povo. Tudo deve estar de acordo com a vontade dos poderosos. A massa deve sempre permanecer obediente e acomodada, seja por falta de conhecimento ou por imposição. E dessa forma, surgem os problemas e os conflitos sociais.

Na realidade, a crise de eficiência decorre de vários problemas, sendo os mais graves a repetência e evasão ou abandono, seguidos pelo analfabetismo e má

qualidade de ensino e infraestrutura de escolas que não oferecem um ambiente adequado. Quando falamos em repetência e também de evasão, o índice de repetência e também evasão sempre é considerável.

Pode-se afirmar que as velhas práticas, as ferramentas ultrapassadas e as metodologias retrógradas já não são suficientes para suprir as necessidades do atual cenário educacional brasileiro, em ambientes escolares.. É preciso considerar que as informações se tornaram mais rápidas e acessíveis, que os estudantes estão cada vez mais autônomos e conectados que e as novas tecnologias; e mídias sociais estão revolucionando a forma de ensinar e aprender. O mundo globalizado remete aos cidadãos a uma reflexão para uma escola inovada.

De fato, o referido dispositivo constitucional se destaca pelo fato de avançar no plano da efetivação da igualdade de todos os componentes da sociedade brasileira perante a lei, cuja importância poderá ser constatada quando de sua efetiva aplicação na prática já que uma das formas mais conhecidas de exclusão já não se verifica no caminho até a escola, mas sim na própria ação da escola. [...] (OLIVEIRA, 2001, p. 24 e 25).

Dessa maneira, acredita-se que a própria metodologia de ensino para as classes sociais menos favorecidas está direcionada e na maioria das vezes transmitido um discurso popular. Os estudantes, com pouquíssimas exceções, não são despertados a refletir sobre sua realidade.

Pode-se afirmar que além da repetência e abandono, tem-se o problema da distorção alunos por idade/série; ou seja, estudantes que estão fora de faixa de idade. Esta é a questão que proporciona a evasão escolar, especificamente na Educação Fundamental do sexto ao nono ano.

Assim, um dos maiores desafios apresentados à escola atual é trabalhar com a reelaboração crítica e reflexiva do educando, a fim de prepará-lo para a luta e o enfrentamento das desigualdades sociais presentes na sociedade capitalista. Nesta ótica, a escola deve transcender o sentido de ascensão material, que é dado à educação, transformando-a não em só um meio de retorno financeiro, mas também em um instrumento de crescimento pessoal. Como aborda (1999), afirma-se:

No tocante a educação, os pais reproduzem os valores ideológicos presentes no discurso da sociedade, valorizando o estudo como a única forma de obter ascensão social. Mas por não compreenderem a dimensão e a complexidade da educação, atribuem aos filhos a culpa pelo fracasso escolar, desmotivando-os para o estudo (MARTINS, 1999, p.62).

Na atualidade, mais que nunca, o analfabetismo é preocupante. Deve-se também destacar a importância dos educadores para buscar estratégias que visem a melhoria da sua prática pedagógica e que isso se torne um atrativo para prender a atenção e o interesse dos alunos nas aulas. Sabe-se que ser professor no Brasil não é uma tarefa fácil, principalmente em escola pública. É preciso conhecer as limitações desse profissional frente ao descaso do poder público com relação ao ensino.

São muitos os fatores que contribuem para a acomodação, em alguns casos, ou a alienação do educador. Porém, o maior empecilho para o mau desempenho das atividades pedagógicas está relacionado a fatores materiais. É preocupante o analfabetismo na atual sociedade do conhecimento, digital e que interrompe o contexto em que todo mundo vive, onde exige-se profissionais multifuncionais, ou seja, que associem saberes em diferentes campos, que sejam polivalentes. Patto (1987) relata que:

[...] a evasão escolar são um fracasso produzido no dia-a-dia, da vida na escola e na produção deste fracasso estão envolvidos aspectos estruturais e funcionais do sistema educacional, concepções de ensino e de trabalho e preconceitos e estereótipos sobre a sua clientela mais pobre. Estes preconceitos, no entanto, longe de ser uma característica apenas dos educadores que se encontram nas escolas, estão disseminados na literatura educacional há muitas décadas, enquanto discurso ideológico, ao se pretender neutro e objetivo, participa de forma decisiva na produção das dificuldades de escolarização das crianças das classes populares. (PATTO, 1987, p. 59)

Neste sentido, é preciso que o sujeito seja detentor de conhecimento, habilidades e competências em diversas áreas do conhecimento humano para exercerem atividades diferenciadas ao mesmo tempo, para adquirirem não só empregabilidade; mas, preparar-se para o trabalho. Diferentemente da empregabilidade, em que o profissional desenvolve habilidades e competências para enriquecer o currículo visando de conseguir uma carreira ou um emprego público ou privado, a trabalhabilidade é a capacidade que o profissional tem de gerar trabalho e renda, seja como empregado, público ou privado, seja como autônomo ou como empreendedor. A questão do trabalho é um conceito muito ligado ao empreendedorismo. O profissional é empreendedor de si mesmo.

Em relação ao fracasso escolar, Esteban (1999) diz ressalta que este se configura dentro de um quadro de múltiplas negações, dentre as quais se coloca a

negação da legitimidade de conhecimentos, de forma de vida, formulados à margem dos limites socialmente definidos como válidos. Tem-se, assim, a inexistência de um processo escolar que possa atender as necessidades e particularidades das classes populares, permitindo que estas possam fazer parte na construção do processo de ensino.

Diante disso, o processo educativo demanda muita atualização, porque novos desafios estão sempre surgindo para as escolas. Os métodos educativos estão em constante adaptação, originando novas maneiras de ensinar e aprender. Dessa forma, o papel da escola e do corpo docente é de se manter sempre dispostos a atualizar e melhorar suas práticas pedagógicas, sendo que uma forma de se alcançar isso é por meio da formação continuada dos professores e sua capacitação para uma escola nova.

Assim, Freire (2002) enfatiza deve ser meta para os professores contextualizar e problematizar os conteúdos de maneira que o aluno tenha estímulo e preparação para entender a sociedade excludente e injusta que o rodeia. Porém, é incoerente e inoportuno imputar ao professor as causas da evasão escolar e do fracasso do aluno assim como também tirar deste todas as responsabilidades.

Diante disso, a escola que se deseja, deve estar pautada na lógica de um espaço ideal para a construção de uma sociedade sadia, uma escola democrática com formação para a cidadania. Aquela que combata de todas as formas a exclusão social e que entenda o aluno como ser integral. E que possa, ao mesmo tempo, trabalhar a relação escola-aluno-família, tendo-se assim a necessidade de incluir a família em suas ações, eventos participando com seus filhos, na escola.

As deficiências do sistema educacional brasileiro constituem certamente um entrave para a modernização da sociedade e precisa-se reconhecer que a qualidade do ensino, tanto público como privado e em todos os níveis é, na maioria dos estabelecimentos, muito deficientes.

[...] dentro desse aspecto legal de análise em foco, devemos igualmente frisar que professores bem qualificados, preparados e bem remunerados, escolas e unidades escolares oportunamente equipadas, salas de aula organizadas se constituem em pressupostos e requisitos essenciais para a garantia de um padrão de qualidade institucional aceitável, [...] metas de cada programa e na forma da edificação do processo de aprendizagem no dia a dia da sala de aula que repercute e influi de fato o designado padrão de qualidade (CARNEIRO, 1998, p. 39).

Nessa condição, a formação, através de professores, oferecida nas universidades não promove a qualificação que seria necessária; e a pesquisa é, no mais das vezes, ineficaz ou inexistente. Mas a crítica que vem sendo feita ao sistema de ensino, mesmo se justa, não deve impedir de reconhecer o muito que já foi feito sobre esta base e que o sistema pode e deve ser melhorado para uma educação promissora.

O processo de formação dos professores e a convivência de dois caminhos para essa qualificação consistem pela prática com o mestre, a escola; e outro pela formação acadêmica com professores oriundos de escolas normais ou faculdades. Apesar da ação do Estado no sentido de tentar sistematizar e regulamentar tanto a formação quanto a habilitação e admissão, tal diferenciação foi de alguma maneira forjando uma hierarquização baseada na forma como o saber pedagógico.

Percebe-se que o problema da educação brasileira decorre do descrédito da própria sociedade em relação ao sistema educacional nacional, da não aplicação do percentual constitucional, da crise moral e ética, do desvio de verbas para pagamento de propinas e corrupção por parte de alguns governos municipais e a falta de políticas afirmativas e de inclusão social e educacional, evidentes.

Portanto, para isso, deve-se romper com as visões tradicionais, funcionalistas ou sistêmico-mecanicistas da escola, superando a visão desta como um depósito do saber, buscando assim uma escola inclusiva, libertadora e que valorize a diversidade. A escola tem como função primordial ser um espaço que promova a igualdade e uma educação de qualidade para todos. Porém, as desigualdades entre as classes sociais vinculadas às políticas públicas precárias conduzem os alunos provenientes de uma classe menos favorecida ao fracasso escolar e como consequência ao abandono da escola.

Para Aquino (1997) o professor é a peça fundamental para reverter este paradigma de fracasso. Isso não significa responsabilizá-lo por todos os problemas relacionados à educação, mas sim, destacar sua importância frente ao processo de ser o mediador entre escola/aluno/família, visto que este é o responsável por ação sistematizada e crítica que culmina na formação dos sujeitos, sendo assim, não devem contribuir para a fragmentação do ensino.

Várias são as circunstâncias que suscitam a evasão escolar e dentre elas cabe citar as razões psicológicas que estão relacionadas a fatores cognitivos e psicoemocionais dos alunos. Também deve-se considerar as razões socioculturais

relativas ao contexto social do aluno e as características de sua família. Há ainda as razões institucionais que estão vinculadas a escola, como os métodos de ensino inapropriados, currículo e as políticas públicas para a educação. Aliado a esses fatores encontra-se também aqueles ligados às questões socioeconômicas do aluno e de todos que nesta estão inseridos

Assim, a problemática referente à evasão escolar no Brasil não é um tema novo, tampouco desconhecido da sociedade em geral. Porém, não deve-se encarar tal fato como algo normal neste aspecto. Precisa-se, enquanto cidadãos, buscar mecanismos mais eficientes para amenizar, senão reverter, a situação. É necessário somar-se esforços em prol da inserção e permanência de crianças e adolescentes na sala de aula. É preciso a adequação e o remodelamento de programas sociais que visem suprir as necessidades básicas de uma clientela em idade escolar, que busca a escola para seu desenvolvimento integral.

2 EVASÃO ESCOLAR: REALIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

2.1 EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS PARA O ALUNO

Atualmente, evasão escolar se constitui como um problema que cresce cada vez mais, afetando principalmente as escolas públicas. Várias discussões e debates têm sido realizados procurando encontrar o responsável e a solução para este problema. As reflexões têm tomado, como ponto principal de debate, o papel tanto da família como da escola em relação à vida escolar dos alunos e indivíduos inseridos na escola.

No Ensino Fundamental, especificamente em escolas do interior, a distância da escola associada à falta de transporte escolar, ou de quem possa levar e buscar o aluno com segurança. A evasão escolar está relacionada às necessidades dos alunos trabalharem para ajudar na renda da família, fazendo com que aumente cada vez mais o número de adolescentes deixando as salas de aula.

Essa situação é vinculada a muitos obstáculos, considerados, na maioria das vezes, intransponíveis para milhares de jovens que se afastam da escola e não concluem a educação básica. Dentre tais índices, destaca-se a necessidade de trabalhar para ajudar a família e, também, para seu próprio sustento. O ingresso na criminalidade e na violência são outros pontos comuns para tal evasão. O convívio familiar conflituoso, a má qualidade do ensino, entre outros fatores, são todos considerados partes integrantes e comuns da evasão escolar. De acordo com Arroyo(1997),

[...] na maioria das causas da evasão escolar, a escola tem a responsabilidade de apontar a desestruturação familiar, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra. Sabe-se que a escola atual é preciso estar preparada para receber e formar estes jovens e adultos que são frutos dessa sociedade injusta e, para isso é preciso professores dinâmicos, responsáveis, criativos, que sejam capazes de inovar e transformar sua sala de aula em um lugar atrativo e estimulador.[...] (ARROYO, 1997, P.23),.

Faz-se necessário mencionar, que a evasão está relacionada não apenas à escola, mas também à família, às políticas de governo e ao próprio aluno. A evasão escolar consiste, também, no não comparecimento dos alunos matriculados em sala de aula; sendo isso, uma das principais causas da repetência escolar, bem

como desencadeado com outros problemas como distorção idade/série e o próprio abandono.

Diante disso, Digiácomo (2011) afirma que as causas da evasão escolar vão desde a necessidade de trabalho do aluno, como forma de complementar a renda da família, até a baixa qualidade do ensino, que desestimula aquele a frequentar as aulas, via de regra inexistentem, salvo honrosas exceções, mecanismos efetivos e eficazes de combate à evasão escolar tanto em nível de escola quanto no nível de sistema de ensino, seja municipal, seja estadual. É preciso analisar que

[...]são várias e as mais diversas as causas da evasão escolar ou infrequência do aluno. No entanto, levando-se em consideração os fatores determinantes da ocorrência do fenômeno, pode-se classificá-las, agrupando-as, da seguinte maneira: Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação etc; Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc; Pais/responsáveis: não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos etc; Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues etc.(FERREIRA, 2011, p. 02)

Neste contexto, a escola se configura num espaço que, muitas vezes, não atende as necessidades daqueles que dela precisam, que são os alunos. Estes, que chegam à escola com ou sem interesse de aprender, trazem para o interior da escola e da sala de aula toda a fragilidade vivenciada no seu dia a dia; mas, com muitas expectativas de que esse espaço escolar possa lhe oferecer o conhecimento necessário à sua formação. Quando suas expectativas não são atendidas, mostram-se desmotivados, e esta falta de motivação apresenta-se por meio de suas ações, evidenciando também a fragilidade social da sociedade em que vivem.

Para Saviani e Duarte (2012, p. 31), “[...] a educação não é outra coisa senão o processo por meio do qual se constitui em cada indivíduo a universalidade própria do gênero humano”. Entretanto, a escola, como espaço da cultura elaborada, contribuirá na emancipação do sujeito, o qual terá possibilidade de interferir no meio em que vive.

Atualmente, apesar de o ambiente objetivar ser um espaço de difusão do conhecimento científico, torna-se um espaço de fragmentação de conhecimentos, de classificação e de exclusão, e, com isso, pouco sobra para os alunos que nela adentram, pois, ela não atende às suas necessidades básicas nos processos de aprendizagem. Deste modo,

Mediante isso, é preciso considerar que a evasão escolar é uma situação problemática, que se produz por uma série de determinantes. Convém esclarecer que o termo evasão escolar será entendido como resultado do fracasso escolar do estudante e da própria instituição escolar, como se verá mais adiante ao estudar as causas e consequências da evasão escolar, assim também, como seus efeitos na produtividade da escola.

Nesse sentido cabe à escola, transformar parte da realidade, que produz o fracasso e a evasão escolar, trazendo como consequência a exclusão social. Isso equivale dizer, que é preciso delimitar algumas possibilidades da escola, em torno dos quais podem ser tomadas medidas no sentido de trazer-lhes mais credibilidade e competência (AQUINO, 1997). Embora haja riscos e desconfortos, envolvidos nesse tema, deve-se deixar de lado, a relutância tradicional, de investigar cientificamente os fenômenos que causam a evasão escolar, de modo a compreendê-la à luz de estudiosos que procuram clarificar seus determinantes e quais as intervenções necessárias de acordo com o contexto que se apresenta.

Ressalta-se em Brasil (2006), evidencia a ocorrência de baixa autoestima ligada a timidez excessiva e ao sentimento de incapacidade, dificuldade para o ingresso no mercado de trabalho, má qualidade de vida, desqualificação e barateamento de mão-de-obra, estímulo a violência e prostituição, gravidez precoce, consumo e tráfico de drogas. Enfim, a maior consequência é a consolidação da desigualdade social, que por sua vez, coloca as pessoas numa situação completamente desprotegida, com dificuldades de saída dessa complicada condição.

É preciso compreender que, para que uma escola possa atender toda a comunidade de estudantes e professores, é preciso estar com equipamentos de informática, proporcionando aos professores, salários dignos, além de conceder cursos periódicos para aperfeiçoamento de seus conhecimentos e técnicas pedagógicas, fazendo com que eles prestem sua significativa parcela de contribuição na diminuição da evasão escolar.

Portanto, é através de um trabalho parceiro e solidário, que possa proporcionar aos alunos, mesmo distante do contexto urbano, o acesso à tecnologia; a fim de facilitar seus conhecimentos de mundo e supra as necessidades de suas curiosidades. Enfim, o aluno que evade, é aquele que sente necessidade de algo a mais na escola e que o desinteresse é maior que a vontade de estudar.

2.2 FRACASSO ESCOLAR: UMA REALIDADE NA EDUCAÇÃO ATUAL

No mundo globalizado, numa época de avanços científicos e tecnológicos que contribuem no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a realidade escolar ainda surge como desafio para o alcance de uma educação de qualidade. No contexto da realidade escolar, o fracasso escolar destaca-se como uma das principais fragilidades.

Os problemas vão além das possibilidades da instituição e que, mesmo com o estabelecimento de algumas parcerias, das diversas fragilidades existentes na escola, o fracasso escolar é um fator presente e tem sido motivo de uma série de estudos, pesquisas e discussões, embora ainda não apresentem grandes perspectivas para compreensão e resolução desta problemática que assola a educação.

Diante disso, todas essas situações que afligem os sujeitos que compõem a educação, fazem com que se tornem pessoas não menos preocupadas, mas, infelizmente, mais ansiosos em resolver todos os desafios e fragilidades vivenciadas no cotidiano escolar; e devido a isto, não param para refletir práticas pedagógicas, até porque fazem parte de um sistema educacional em que se tem metas estabelecidas e quando não são atingidas; por isso, a educação torna-se ainda mais frágil.

De acordo com Arroyo (2000), o fracasso escolar não é um assunto novo, entretanto, ainda não foi resolvido e esta situação perdura ano a ano na realidade das escolas, trazendo grandes preocupações a professores, alunos, pais, gestores e governos. Esta realidade é vivenciada pela instituição em estudo, e, apesar do trabalho que se vem realizando, também não apresenta avanços significativos. A escola é um espaço que sofre influências positivas e também negativas da sociedade à qual está inserida. É um ambiente de conhecimento, mas também de socialização e inclusão dos diversos grupos sociais.

O fracasso escolar surge quando a condição econômica do aluno não lhe permite somente estudar, em muitos casos, desde muito cedo, há uma preocupação em como sobreviver, assim, o estudante abandona a escola porque necessita trabalhar, e quando está trabalhando não consegue conciliar o trabalho e o estudo, pois entende que estudar e trabalhar é uma ação complicada e assim, opta pelo o que o favorece mais.

Quando o “estudar e trabalhar” como necessidades, colocadas lado a lado, o estudo não é prioridade, ficando sempre em segundo plano. Neste sentido, identifica-se o grande número de alunos que evadem da escola durante o ano letivo, e não conseguem concluir o ensino fundamental, inclusive, percebe-se que, quando o aluno tem conhecimento de sua frequência, abandona a escola, já promovendo a evasão. Arroyo (2000) afirma que,

[...] O fracasso escolar passou a ser um fantasma, medo e obsessão pedagógica e social. Um pretexto. Uma peneira que encobre realidades mais sérias. Por ser um pesadelo nunca nos abandonou, atrapalha nossos sonhos e questiona ou derruba nossas melhores propostas reformistas. Quanto se tem escrito sobre o fracasso ou sobre o sucesso e a qualidade, seus contrapontos, e continuamos girando no mesmo lugar (ARROYO, 2000, p.33).

Conforme o autor, esta realidade, esclarece o caso de alunos faltosos que necessitam de atenção especial, com número de profissionais habilitados suficientes para acompanhar e tomar providências efetivas quanto à frequência do aluno na escola, necessidade esta que inúmeras vezes está longe de ser atendida, como é o caso da instituição analisada. Aliá, em alguns casos, até a própria infraestrutura física da escola se faz um condicionante para o fracasso escolar.

Como também no contexto familiar, o fracasso escolar aparece quando a família, um segmento essencial na formação do sujeito, abre mão de acompanhar a vida escolar do aluno. Os responsáveis não se envolvem no cotidiano do aluno, alguns acham que fazendo a matrícula é o suficiente, esquecem-se que há a necessidade de um acompanhamento contínuo na vida escolar do filho aluno. A própria escola é outro elemento que pode favorecer o aumento do fracasso escolar, por deixar de atender algumas necessidades básicas.

Como aborda Palma (2007), a exclusão escolar, pelo fracasso nos estudos, não está apenas na repetência, mas é expressa nas relações e nas práticas pedagógicas que acontecem no cotidiano escolar, visto que a forma mais eficiente de exclusão efetiva-se quando a escola é esvaziada em sua função de ensinar a pensar e a ler criticamente a si e ao mundo, como necessidade humana de conhecimento.

Neste sentido, em muitos dos casos de alunos que abandonam as aulas, quando os responsáveis são procurados, para que juntamente com a escola, colaborem no retorno da criança, adolescente ou jovem às aulas, não assumem uma

postura de cooperação e compromisso pelos menores, eximindo-se de suas responsabilidades no acompanhamento escolar.

Esta situação é acentuada em certas realidades do contexto familiar, principalmente naquelas em que os filhos advêm de famílias pouco ou não escolarizadas, pois, em muitos dos casos, as famílias não demonstram grande preocupação com a escolaridade do filho, o que é uma das realidades enfrentada pela escola e por todo o contexto educacional escolar. Como ressalta Paula (2009, p.36), "ao currículo, aos programas, ao trabalho desenvolvido pelo professor e pelos especialistas, as avaliações de desempenho dos alunos, e outros". Fatores extraescolares e intraescolares que colaboram para o fracasso na escola.

Para que haja a superação do fracasso escolar, faz-se necessário uma reorganização curricular, o comprometimento do aluno, família e escola, revisão das práticas e ações pedagógicas e formação específica dos profissionais da escola. Nesta busca pela superação, o envolvimento de todos os segmentos da escola é fundamental.

Diante disso, precisa-se refletir para além da sua individualidade e deve-se considerar a coletividade e o rompimento de conceitos pré-concebidos, que não tem relação com aceitar a realidade como está posta, mas sim, contribuir para uma educação de qualidade, que proporcione condições ao aluno de permanência na escola, uma formação cidadã e melhoria no desenvolvimento humano, na tentativa de ajudar na concepção de um sujeito capaz de intervir no meio em que vive, rompendo com a cultura do fracasso escolar e a evasão que domina as estatísticas.

Como idealiza Gómez (1998), o desafio educativo da escola contemporânea é atenuar, em parte, os efeitos da desigualdade e preparar cada indivíduo para lutar e se defender, nas melhores condições possíveis, no cenário social. Neste sentido, é necessário planejar ações pedagógicas que contribuam muito na permanência e êxito do aluno na escola, ao longo de sua vida escolar, para que tenha a preparação necessária e adequada, de acordo com o que sociedade, exige.

A escola precisa olhar e entender este aluno que adentra o espaço escolar, e, para isso, o planejamento é um elemento fundamental nas ações e atividades propostas aos alunos. Refletir para além do cotidiano da escola, repensar o planejamento das aulas com conteúdo significativo à vida do aluno, com ações que contribuam, antes de tudo, para a permanência do aluno na escola. Associado a isso, são necessárias políticas públicas efetivas, voltadas para essa problemática,

bem como o incentivo aos profissionais que queiram permanecer e desenvolver um trabalho significativo na vida escolar dos alunos da instituição.

Portanto, Paula (2009) diz que no sistema de educação, o problema identificado é o fracasso escolar, apresentando grande importância de discussão e estudo. O que acontece, é que, ao invés de procura de métodos para desenvolver tais fracassos e achar recursos instantâneos, para que se aumente o grau de saberes e autoestima daqueles alunos que foram rotulados de fracassados, o que sobre sai é, a caçada por responsáveis causadores de tal fracasso, onde torna-se preciso, na realidade é superar esse fracasso.

Enfim, é necessário pensar, portanto, sobre uma escola que continue lutando contra o fracasso, que ainda demonstre sua indignação quanto à não aprendizagem, que garanta o direito de todos à aprendizagem, a cidadania e à condição de humano de cada sujeito. Se esta é a escola dos sonhos, é também a escola da esperança, do possível, mas que só se tornará realidade quando este sonho for partilhado por muitos, discutido por toda a comunidade escolar, a partir de políticas públicas coerentes, voltadas às classes populares, com olhares diferenciados, para quem está precisando concluir um curso, como o fundamental, mas as circunstâncias não permitem .

2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES

As estratégias metodológicas ou práticas pedagógicas são atividades diversificadas que organiza-se intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais, adequadas para uma dada comunidade social. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial, que é sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo.

As práticas pedagógicas se organizam e se desenvolvem por adesão, por negociação, ou por imposição. Como já foi ressaltado, essas formas de concretização das práticas produziram faces diferentes para a perspectiva científica da Pedagogia, que se preocupa com a formação educacional do indivíduo.

Neste sentido, considera-se que práticas pedagógicas e práticas educativas sejam termos sinônimos e, portanto, unívocos. No entanto, quando se fala de práticas educativas, faz-se referência as que ocorrem para a concretização de

processos educacionais, ao passo que as práticas pedagógicas se referem a práticas sociais que são exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos. Saviani (1991) aborda que,

[...] a ação pedagógica que poderia contribuir para a diminuição do fracasso escolar, seria aquela respaldada numa pedagogia histórico-crítica, que implica na clareza dos determinantes sociais da educação, na compreensão do grau em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, no posicionamento necessário diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas, para perceber claramente qual a direção que cabe imprimir a questão educacional. (SAVIANI, 1991, p. 103),

Assim, a formação continuada dos professores não se dá em função de interesses de um grupo; como o próprio nome sugere, deve ser contínua e com qualidade para atender ao público específico. Isso significa atender as necessidades do professor e dar a ele condições para que possa intervir na sua realidade escolar de maneira consciente e reflexiva, além da efetivação dos profissionais na escola, pois, a rotatividade também é um dos aspectos que influenciam nos resultados.

Diante disso, os professores que permanecem na escola conseguem conhecer a realidade dos alunos com que trabalham, fazem um acompanhamento ao longo de suas vidas escolares e conseguem desenvolver ações que irão contribuir no sucesso escolar destes discentes. Sobretudo, a educação deve proporcionar ao indivíduo conhecimento para que seja capaz de conhecer e entender o processo histórico da humanidade e, desta forma, criar meios de intervir na sua realidade e no meio em que vive, interagindo em grupos sociais.

A escola e suas práticas pedagógicas têm tido dificuldades em mediar e potencializar as tecnologias da informação e comunicação. A Pedagogia deve influências, transformá-las em processos pedagógicos numa perspectiva emancipadora, educar e formar e incorporar nas práticas escolares a multiplicidade de influências trabalhando pedagogicamente a realidade do aluno. Entretanto, o "aprofundamento da má qualidade da escola que se oferece ao povo, na medida em que justifica um barateamento do ensino que acaba realizando a profecia segundo a qual os pobres não têm capacidade suficiente para o sucesso escolar" (PATTO, 1997, p. 47).

Mediante isso, da Pedagogia às tarefas apenas instrucionais tem marcado um caminho de impossibilidades à prática pedagógica. Como instrução, a Pedagogia contenta-se com a organização da transmissão de informações, e, dessa forma, a prática pedagógica pressuposta a essa perspectiva teórica está voltada à transmissão de conteúdos instrucionais. A partir de diferentes configurações, essa Pedagogia, de base técnico-científica, apresenta-se com outras interpretações de acordo com o público. Isso deve implicar em atitudes positivas, considerando alunos que abandonam a escola.

Considerando-se que as práticas pedagógicas são aquelas que se realizam para organizar, potencializar e interpretar as intencionalidades de um projeto educativo, argumenta-se a favor de outro discurso que implica a Pedagogia, que é uma epistemologia crítico-emancipatória, que considera ser a Pedagogia uma prática social conduzida por um pensamento reflexivo, sobre o que ocorre nas práticas educativas, bem como por um pensamento crítico do que pode ser a prática educativa, de acordo com a realidade do aluno.

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas realizam-se como sustentáculos à prática docente, num diálogo contínuo entre os sujeitos e suas circunstâncias, e não como armaduras à prática, que fariam com que esta perdesse sua capacidade de construção de sujeitos a partir de suas especificidades e condições diferentes. É que o fracasso escolar configura-se com alunos diferenciados e as práticas precisam trabalhar essa situação.

Quando à questão do abandono e fracasso escolar, Alonso (2003) ressalta que há grandes desafios que o professor enfrenta nos dias atuais para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, buscando não apenas um ensino por meio da repetição dos conhecimentos historicamente produzidos, pois há necessidade de formar um homem e um cidadão capaz de realizar-se como pessoa e como ser social, ampliando a responsabilidade do educador no processo de formação do aluno. Mais que um desafio, aponta-se esta questão como sendo uma missão quase impossível de ser realizada, quando o professor exerce o magistério somente com a formação inicial, pois as dificuldades inerentes ao ensino têm sido cada vez mais complexas e exigem profissionais habilitados e capacitados.

Assim, as práticas pedagógicas incluem desde o planejamento e a sistematização da dinâmica dos processos de aprendizagem até a caminhada no meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem, de forma a garantir o

ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para aquele estágio de formação do aluno, e, por meio desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços educativos de modo a interdisciplinar o conhecimento.

Portanto, o professor, em sua prática pedagogicamente estruturada, deverá saber recolher, como ingredientes do ensino, essas aprendizagens de outras fontes, de outros mundos, de outras lógicas, para incorporá-las na qualidade de seu processo de ensino e na ampliação daquilo que se reputa necessário para o momento pedagógico do aluno, incentivando- e motivando-o, visando seu desenvolvimento integral e .especialmente o desenvolvimento intelectual.

2.4 A NECESSIDADE DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS EM SALA DE AULA.

No contexto educacional, a pedagogia e suas práticas são da ordem da ação concreta, assim ocorrem em meio a processos que estruturam a vida e a existência. A pedagogia caminha por entre culturas, subjetividades, sujeitos e práticas. Caminha pela escola, mas a antecede, acompanha-a e caminha além dela. A pedagogia interpõe intencionalidades, projetos alargados; a didática, paralelamente, compromete-se a dar conta daquilo que se instituiu chamar de saberes escolares. A lógica da didática é a lógica da produção da aprendizagem dos alunos, a partir de processos de ensino previamente planejados. A prática da didática é, portanto, uma prática pedagógica, que inclui a didática e a transcende, para o comportamento de cada envolvido no contexto.

Na realidade, o grande desafio deste início de século é a crescente busca por metodologias inovadoras que possibilitem uma práxis pedagógica capaz de ultrapassar os limites do treinamento puramente técnico e tradicional, para efetivamente alcançar a formação do sujeito como um ser ético, histórico, crítico, reflexivo, transformador e humanizado.

Neste sentido, o projeto pedagógico deve contemplar a diversidade de metodologias, estratégias de ensino e atividades de aprendizagem, com vistas ao desenvolvimento de uma educação transformadora que, ao discutir assuntos relevantes para a vida em sociedade, transmita aos alunos conhecimentos que lhes permitam conhecer, criticar e transformar a realidade em que vivem e permita a sua

formação integral como cidadãos solidários, críticos, intervenientes e autônomos, o que tornará significativa a sua aprendizagem (PIRES, 2009).

Ao referir-se em prática pedagógica, menciona-se algo além da prática didática, envolvendo as circunstâncias da formação, os espaços-tempos escolares, as opções da organização do trabalho docente, as parcerias e expectativas do docente; Ou seja, na prática docente estão presentes não só as técnicas didáticas utilizadas; mas, também, as perspectivas e expectativas profissionais, além dos processos de formação e dos impactos sociais e culturais do espaço de sala de aula, entre outros aspectos que conferem uma enorme complexidade a este momento da docência, que faz a diferença na vida do sujeito.

Diante disso, Alonso (2003) aborda que é no contato direto com o aluno que o professor redefine o seu conhecimento, conferindo-lhe um significado. Todas as suas ações se orientam no sentido de estabelecer uma relação de apoio e confiança entre ambos, em busca do desenvolvimento total do aluno e isto não pode ser definido a partir de decisões externas sem qualquer vínculo com aquela realidade, no espaço escolar de aprendizagem e de desenvolvimento intelectual..

Mediante a afirmação do autor, a todo instante em sala de aula, podem acontecer fatos relevantes para o professor mudar sua forma de trabalhar os conteúdos, assim nem sempre o fato de seguir um planejamento à risca é válido, pois são nos momentos da relação professor/aluno em sala de aula que podem ocorrer novas ideias, novas formas, novas estratégias de ação para o aluno ampliar seu conhecimento, a partir de suas ideias iniciais recebidas e interpretadas.

É no meio educativo que a prática escolar deve ser elaborada a partir de ideias de transformação que partam do interior das escolas, sob a alegação de que a natureza do trabalho educativo e as mudanças acontecem somente a partir da prática. Quando o professor chega a um momento de produzir um ensino em sala de aula, muitas circunstâncias estão presentes, como desejos, formação, conhecimento do conteúdo, conhecimento das técnicas didáticas.

Na realidade, considera-se também o ambiente institucional, as práticas de gestão, clima e perspectiva da equipe pedagógica, organização espaço e tempo das atividades, infraestrutura, equipamentos, quantidade de alunos, organização e interesse dos alunos, conhecimentos prévios, vivências, experiências anteriores, enfim, há muitas variáveis como meios para estratégias de ensino.

Muitas dessas circunstâncias podem induzir a boa interação e bom interesse e diálogo entre as variáveis do processo aluno, professor e conhecimento; e só a ação docente, realizada como prática social, pode produzir saberes, saberes disciplinares, saberes referentes a conteúdos e sua abrangência social, ou mesmo saberes didáticos, referentes às diferentes formas de gestão de conteúdos, de dinâmicas da aprendizagem, de valores e projetos de ensino. Realça-se o sentido de saberes pedagógico.

Diante disso, Franco (2013) diz que, como aqueles que permitem ao professor a leitura e a compreensão das práticas e que permitem ao sujeito colocar-se em condição de dialogar com as circunstâncias dessa prática, dando-lhe possibilidade de perceber e auscultar as contradições e, assim, poder melhor articular teoria e prática. É possível, portanto, falar em saberes pedagógico, como aqueles que possibilitam aos sujeitos construir conhecimentos sobre a condução, a criação e a transformação dessas mesmas práticas educativas.

Sendo assim, o saber pedagógico só pode se constituir a partir do próprio sujeito, que deverá ser formado como alguém capaz de construção e de mobilização de saberes. A grande dificuldade em relação à formação de professores é que, para ter bons professores, precisa-se formá-los como sujeitos capazes de produzir conhecimentos, ações e saberes sobre a prática. Não basta fazer uma aula; é preciso saber por que tal aula se desenvolveu daquele jeito e naquelas condições; ou seja, é preciso compreensão e leitura e do contexto.

Nesta situação, um professor que é formado de modo não reflexivo, não dialógico, desconhecendo os mecanismos e os movimentos da práxis, não saberá potencializar as circunstâncias que estão postas à prática. Ele desistirá e replicará fazeres. O sujeito professor precisa ser dialogante, crítico e reflexivo, bem como ter consciência das intencionalidades que presidem sua prática e seu fazer ao ensinar.

[...] a educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialeticidade entre homem, mundo, história e circunstâncias. Sendo um processo histórico, a educação não poderá ser vivenciada por meio de práticas que desconsideram sua especificidade. Os sujeitos sempre apresentam resistências para lidar com imposições que não abrem espaço ao diálogo e à participação. [...] (FREIRE, 1983, p. 27):

Diante disso, o conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada

um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o "como" de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato educativo.

Dessa forma, é fundamental que o professor esteja sensibilizado a reconhecer que, ao lado das características observáveis do fenômeno, existe um processo de transformação subjetiva, que não apenas modifica as representações dos envolvidos, mas produz uma ressignificação na interpretação do fenômeno vivido, o que produzirá uma reorientação nas ações futuras. Por isso é importante que o docente possa compreender as transformações dos alunos, das práticas, das circunstâncias e, assim, possa também transformar-se em processo. Como aborda Santos (2000)

[...] Vivemos numa sociedade intervalar, uma sociedade de transição paradigmática. Esta condição e os desafios que ela nos coloca fazem apelo a uma racionalidade ativa, porque em trânsito, tolerante, porque desinstalada de certezas paradigmáticas, inquieta, porque movida pelo desassossego, que ela própria potenciar. (2000, p. 41-42).

Neste sentido, esta nova realidade exige dos educadores a tarefa de traduzir as determinações do mundo em que vivemos, transformando os conteúdos escolares para que os mesmos contribuam para uma formação humana e cidadã, capaz de enfrentar os desafios que ainda virão. Concorde-se que a educação é mediadora, no contexto de uma prática social global; e tais mudanças exigem novas formas de organização da escola, que garanta a participação efetiva de todos no processo da construção do conhecimento para a emancipação do indivíduo.

Na realidade não cabe apenas discutir quais concepções de qualidade e produtividade norteiam o ensino público, a partir das práticas pedagógicas do agente direto da educação, mas também utilizar-se de mecanismos metodológicos para fazer a diferença e evitar o abandono e o fracasso do aluno no ambiente escolar.

Diante disso, esta situação lamentável demonstra que, embora os docentes não tenham a intenção premeditada de discriminar ou rotular esses alunos, o pensamento é alimentado inconscientemente pelos preconceitos existentes no seu contexto social, cultural e histórico dentro da comunidade.

O educador muitas vezes é impulsionado por vezes, a concretizar em gestos e atitudes práticas que reforçam a autoimagem negativa do aluno na prática docente. Sobre esse aspecto, as concepções dos docentes quanto ao imaginário do aluno sem sucessos em sala de aula, são alimentadas de forma negativa, e reflete

na vida estudantil de forma direta, interferindo na existência nesse na escola

O mau aluno é todo aquele que, de um modo ou de outro, provoca incômodo na sala de aula, incômodo que se manifesta pela apatia de uns e rebeldia de outros, por uma lição não feita, uma resposta incorreta numa avaliação, um ar de deboche diante de uma explicação proferida pelo professor, pois atitudes que explicitam de forma concreta o desinteresse do aluno em relação aos conteúdos desenvolvidos em classe (MANTOVANINI, 2001, p. 124).

Considera-se que é competência do educador ter uma visão transformadora e construtiva de sua atuação profissional. Em outras palavras, o professor, juntamente com o psicopedagogo precisam detectar as dificuldades dos alunos, como também dos fatores que interferem na sua prática, sendo que esses profissionais devem assumir uma postura mediadora ao conduzir o processo de aprendizagem do aluno e o desenvolvimento integral do aluno.

Portanto, quando o professor não tem condições mínimas para garantir um ambiente propício para a aprendizagem do aluno, sua prática docente fica comprometida, pois não se utilizam metodologias ou estratégias eficazes para conduzir o processo de ensinar e de aprender. É o professor, o condutor da aprendizagem e quando não consegue garantir um ambiente favorável ao conhecimento do aluno, frustra-se, principalmente quando reconhece que é de extrema importância o seu desempenho para que os alunos obtenham êxito escolar, concluam seu curso e garantam sua cidadania.

3 DESAFIOS DA EVASÃO ESCOLAR DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: OLHARES DE PROFESSORES DA EMEF NA COMUNIDADE ÁGUA BRANCA EM ITAITUBA- PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A EMEIF Água Branca foi inaugurada em 2005, como projeto de empresários da região que custearam à professora Cinara, que ministrava aulas para crianças e adultos na comunidade, proporcionando salários, alimentação e toda a logística necessária, no decorrer do referido ano.

Conforme moradores, a escola mais antiga de Água Branca, funcionava embaixo de uma mangueira, sem alguma estrutura para atender um determinado número de alunos, atualmente próximo à empresa Delub. Assim, tanto professora quanto alunos se acomodavam em bancos de madeiras que serviam para assentos. No decorrer dos anos, na responsabilidade da profa. Vilma, a escola funcionou às proximidades do campo de futebol. Outros contribuíram para a construção de um pequeno espaço medindo 7m x 6m.

Este novo espaço, a escola já contava com alunos matriculados pela Secretaria de Educação- SEMCD e foi construído com madeiras brutas, telhas e piso grosso, uma sala de aula, uma cozinha pequena e um banheiro pequeno construído ao ar livre e coberto por brasilit, também rodeados por tábuas rústicas.

No ano de 2012, a EMEIF Água Branca foi contemplada com a ampliação de seu espaço, tornando-se adequada e proporcional ao número de alunos matriculados, onde havia a necessidade de uma reforma para sua estrutura a fim de funcionar com maior comodidade forma mais adequada.

Atualmente, no ano de 2020, a instituição de ensino citada acima, estrutura-se com quatro salas de aulas, uma cozinha, uma secretaria, dois banheiros e uma pequena área de lazer, com cento e vinte e dois alunos em atividades letivas, das 8: 00 h às 12: 00 h, no turno Matutino, distribuídos em uma turma Multi Maternal, Jardim I e II. 1º e 2º Anos multisseriadas; 3º. 4º e 5º Anos.

Também funciona o 6º, 7º anos e 8º e 9º Multi no turno Vespertino, das 13: 00 h às 17: 00 h para o Maternal e até às 18: 45 h para o 6º ao 9º Anos. Conta com um quadro de nove funcionários e prima por uma educação de qualidade, onde o

aluno possa exercer sua cidadania e que possa estar preparado de acordo com o que sociedade exige.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para este trabalho, intitulado “Desafios da Evasão na Educação Fundamental de 6º ao 9º”, foram alicerçados basicamente em referências bibliográficas tais como (ARROYO, 1993), (BRASIL, 1988), (DUBET, 1997), (FERNANDES, 2013), (MELLO, 2000). (PATTO, 1997), dentre outros, uma vez que ocorreu um levantamento teórico para a investigação da problemática da Evasão Escolar na educação fundamental do 6º ao 9º ano no contexto escolar. Houve também uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa exploratória, onde foram analisadas e discutidas as respostas dos entrevistados, na escola estudada.

A investigação teve as seguintes questões norteadoras: Quais são os desafios dos professores na evasão escolar? Quais medidas são tomadas para evitar a evasão ou o fracasso escolar? Quais as causas da evasão na escola?

De acordo com os objetivos que essa pesquisa pretendeu alcançar, consistiu em analisar, percepções de professores relativas á evasão escolar; Compreender desafios dos professores na evasão escolar; Discutir medidas para evitar a evasão e o fracasso escolar; Identificar causas da evasão no ambiente escolar.

O presente estudo foi realizado na EMEF na comunidade de Água Branca em Itaituba- Pará, no período da segunda quinzena de outubro, em que os sujeitos das pesquisas foram cinco professores da referida escola. À seguir, a coleta de dados, por meio de questionário elaborados para entrevistas individuais, aos professores, seguida de discussões, com propostas intervenientes sobre da questão investigada e a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos utilizados para o embasamento teórico de todo o trabalho elaborado.

3.3- PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a produção deste trabalho, buscou-se investigar cinco professores dos nove que compõem atualmente, o corpo docente da escola, que foram

entrevistados individualmente por meio de questionário elaborados, sendo três pedagogos, um do sexo masculino, uma letrada e uma matemática.

Todos, com idade de vinte e seis a trinta e um anos, graduados e pós graduados em suas áreas de formação. Trabalham de cinco a oito anos na escola; já trabalharam em outras instituições de ensino. A participação dos professores foi de fundamental importância para compreender-se a real motivação da evasão escolar, ocorrente na escola.

3.4 RESULTADOS DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

A Evasão Escolar é entendida como a situação do aluno que abandona a escola, reprovou em determinado ano letivo ou por um motivo chegou ao fracasso e não efetuou a matrícula para dar continuidade aos estudos a fim de concluir seu curso. São diversos os fatores que podem fazer com que um aluno deixe de estudar ou simplesmente deixar de frequentar a escola. A necessidade de trabalhar falta de interesse pela escola, dificuldades de aprendizado, doenças, problemas com transporte escolar, falta de incentivo dos pais, falta de estratégias metodológicas e a motivação necessária ao estudante, dentre outros..

Diante disso, a educação escolar ainda depara-se com fatores que provoca essa desistência, principalmente em casos específicos, como ocorre na EMEIF na comunidade de “Água Branca” em Itaituba- Pará. Porém, é possível identificar padrões e buscar reverter essa situação. Por isso buscou-se respostas através de uma investigação que iniciou sobre a frequência da evasão na escola.

Quadro 1- Nesta escola, é frequente a evasão escolar? Fale sobre a comunidade Água Branca em Itaituba- Pará/2020 **Fonte:** Professores da EMEF

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Sim. Eles iniciam mas não conseguem terminar o ano e nem concluir o fundamental.
P2	Sim. Ocorre devido a ocupação os alunos, ajudando os pais e como nem todos os dias eles não podem estudar, evadem-se.
P3	A evasão existe como em toda escola. Mas é preciso buscar meios para o aluno permanecer na escola.
P4	O fracasso escolar provoca a evasão e isso é comum.
P5	O abandono e o desinteresse pelos estudos são ocorrentes na escola, por ser tão distante da zona urbana, e faltar por vezes materiais que possa tornar as aulas mais atraentes.

Quando à frequência da evasão escolar, os entrevistados responderam que ocorre devido a ocupação dos alunos ajudarem os trabalhos dos pais e não acompanharem as aulas. Também mencionaram que falta materiais didáticos, por ser a escola, distante do centro urbano. Assim os alunos iniciam, mas não conseguem encerrar o ano e nem concluir o Ensino Fundamental. Esse fenômeno acontece porque os alunos enfrentam grandes dificuldades para chegar às escolas, ou motivos pessoais que impedem a conclusão do curso fundamental.

Assim, questão do acesso à escola está quase que totalmente solucionado, o problema está em garantir a permanência dos alunos na escola. Segundo pesquisa ao INEP (2009) a evasão escolar configura-se na pessoa que se afastou do Sistema de Ensino, desistiu das atividades escolares da qual era frequente, sem solicitar transferência.

Diante disso, a questão que se coloca é a necessidade de investigar se na análise das escolas sobre os motivos da evasão ou o foco, não tem sido colocado no indivíduo aluno ou família, deixando de se considerar os fatores multideterminantes na análise da evasão escolar.

O fracasso escolar e a conseqüente evasão, denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que vivenciamos em nosso cotidiano, no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia nossa inteligência, como por exemplo, quando se estuda sobre as medidas de higiene para se evitar doenças em locais onde a água está contaminada e não existe o mínimo de saneamento básico, uma contradição cruel. A pesquisa continua, com os desafios dos professores em relação à evasão escolar.

Quadro 2 - Quais são os desafios dos professores com a evasão escolar? **Fonte:** Professores da EMEF na comunidade Água Branca em Itaituba- Pará/2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Fazer o aluno permanecer em sala de aula,
P2	Um dos maiores desafios é a aprendizagem para quem falta constantemente; mas a evasão torna-se maior, por que o aluno falta e retorna, até não frequentar mais.
P3	Os desafios é trazer o aluno de volta para a escola.
P4	A maior dificuldade é fazer com que o aluno que trabalha e ajuda os pais, assista às aulas diariamente.
P5	A aprendizagem é a formação destes alunos que evadem é o maior desafios. Aliás, eles precisam de um conjunto de fatores para voltarem e outros para não voltarem a estudar.

Quanto aos desafios dos professores com a evasão escolar, os mesmos responderam que é fazer o aluno permanecer em sala de aula, a frequência intercalada com a ausência, é fazer com que aqueles alunos que ajudam os pais no trabalho assistam aulas, como também a aprendizagem e um conjunto de fatores que ocorrem para que haja esse fenômeno. A desistência supõe o afastamento do estabelecimento de ensino, não atendimento às exigências de aproveitamento e de assiduidade e não solicitação de transferência para outro estabelecimento.

Mediante esses depoimentos, o fracasso escolar é produto da evolução da estrutura social de nossa sociedade contemporânea porque, assim como a transformação de uma sociedade capitalista traz em sua concepção, benefícios almejados pelos indivíduos, há também os malefícios como resultados negativos de uma evolução histórica. Diante dessa questão ocorrente, Melchior (2004) afirma que

Os educadores, muitas vezes, se sentem impotentes, na solução de problemas educacionais que são consequência do contexto do aluno. Não adianta apenas identificar as dificuldades, é necessário que se unam governo, a escola e a família para encontrar alternativas de solução para minimizar os fatores que estão dificultando a aprendizagem, sejam estes originados no contexto social ou na escola. (MELCHIOR, 2004, p. 29).

Considerando que ao assumir uma turma, o professor necessita estar consciente de todos os obstáculos que se apresentam ao longo de sua atuação docente, devendo estar preparado com certa dosagem de perseverança para vencer os obstáculos durante seu fazer pedagógico, principalmente com a responsabilidade de fazer o aluno permanecer em sala de aula. A prática pedagógica é fundamental, visando utilizar-se de estratégias metodológicas para que o aluno esteja sempre motivado a frequentar a escola, continuar seus estudos e concluir seu curso. Sem essa condição, o aluno estará fadado ao fracasso.

Mediante isso, o fracasso escolar pode ser compreendido como a consequência para um aluno da não apropriação do aprendizado causando desinteresse. Sobretudo, os conceitos, habilidades, valores, conhecimento e a questão da cidadania que não foram internalizados, culminando muitas vezes, em baixas notas, reprovação e, por fim, no abandono escolar.

Assim, sabe-se que esta responsabilidade não é uma tarefa de fácil execução, uma vez que as cobranças são muitas e, às vezes, a ajuda é quase inexistente. Sendo assim, compreender o fenômeno da aprendizagem e não aprendizagem é uma tarefa difícil tanto para quem ensina como para quem aprende,

quando há outros fatores intervindo, para o desinteresse do aluno pela escola. Prosseguindo, a questão sobre as disciplinas mais difíceis para os alunos.

Quadro 3- Quais disciplinas os alunos têm mais dificuldades de aprendizagem? **Fonte:** Professores da EMEF na comunidade Água Branca em Itaituba- Pará/2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Em matemática, pois não são muito chegados as exatas não.
P2	Acredito que há dificuldades em todas as disciplinas, mesmo que se identifiquem com outras.
P3	Matemática, português são as principais; pois aprender a ler e contar é difícil, especialmente nos anos finais do fundamental.
P4	Quando há o desinteresse, todas as disciplinas tornam-se difíceis, mesmo que o professor utilize metodologias que possam facilitar o aprendizado.
P5	Não há disciplina fácil, principalmente quando o falta muito. Acredito que essa falta de compreensão torna o aluno desinteressado e por isso não volta mais. Aliás, estudar dá trabalho.

Conforme responderam os professores sobre as disciplinas mais difíceis para os alunos, os mesmos afirma que a matemática e o português estão na lista das mais difíceis, principalmente quando aluno falta muito. Outros dizem que todas são difíceis, quando há o desinteresse, mesmo com novas metodologias aplicadas pelos professores e especialmente por que “estudar dá muito trabalho”.

Deste modo, Isso implica em identificar o que é essencial para superar essas questões afirmadas pelos professores em relação à função da escola, o critério dos conteúdos e do trabalho pedagógico. O clássico na escola, ainda segundo Saviani (1991),

[...] é a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, do currículo. [...] Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria (SAVIANI, 1991 p. 25).

Assim, entendendo-se currículo como a organização das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares, implica, também, em organizar os meios pelos quais cada indivíduo realize em si, a humanidade produzida historicamente, ou seja, assimile o saber sistematizado. O papel da escola, como instituição erigida pela sociedade para trabalhar com a educação, consiste em refletir sobre o saber sistematizado, elaborado, com a cultura erudita, para que favoreça o aprendizado e a assimilação de conteúdos e não os complique.

É de conhecimento explícito que educação é um fenômeno próprio dos seres humanos e o seu sentido mais amplo é a promoção do homem, sua humanização, e visa o homem como sujeito histórico; transcende o animal, aponta para a liberdade, além da transmissão assimilação do saber sistematizado na escola. É preciso trabalhar para a que o aluno desenvolva, por meio do domínio desse saber, a crítica da realidade, perceba-se capaz de ser autor, sujeito pensante e que precisa sempre aprender, de forma contínua.

Atualmente, a pedagogia valoriza, portanto, a forma, o método, considerando o conteúdo já produzido socialmente; a socialização e elaboração do saber; consciência e saber, e a própria expressão elaborada da consciência de classe passa pela questão do domínio do saber; o saber em processo, considerando os conhecimentos já produzidos; e o saber popular como ponto de partida e o saber erudito como ponto de chegada. À seguir, as causas da evasão escolar, segundos professores entrevistados.

Quadro 4- Quais as causas da evasão escolar? **Fonte:** Professores da EMEF na comunidade Água Branca em Itaituba- Pará/2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Os alunos ajudam os pais no trabalho, principalmente na região garimpeira e pra quem trabalha na agricultura.
P2	Desinteresse e falta de vontade, mesmo que trabalhe para ajudar os pais, tem sempre o tempo para estudar, e a dificuldade de compreender e ter sucessos em determinadas disciplinas.
P3	O trabalho, o cansaço de trabalho por que ajudam os pais e isso demanda tempo e culmina em faltas; e a falta de frequência que culmina no abandono e por isso se sentem fracassados.
P4	Por falta de incentivo dos pais, da presença destes na escola, por achar que trabalhar traz um retorno mais rápido e por desinteresse.
P5	Na verdade os alunos que abandonam a escola, não têm a ideia de que pela educação é que podem conquistar o que desejam e o que precisam. Achem mesmo que estudar demora muito pra ter resultado e por isso acham melhor mesmo é trabalhar, que ganham dinheiro com mais rapidez.

De acordo com os professores interrogados, o que causa a evasão na escola, de adolescentes que estudam nos últimos anos do Ensino Fundamental, é o cansaço pelo trabalho na região garimpeira, quando alunos ajudam o pais para a sobrevivência da família; o desinteresse, por achar que os estudos não têm retorno tão rápido quanto o trabalho que traz o dinheiro com menos tempo. Também mencionaram a falta de incentivo dos pais e destes na escola; e demais fatores, como faltas constantes que culminam em fracasso por não ter sucessos em determinadas disciplinas e o resultado é a evasão escolar.

Neste sentido, para que o professor possa refletir e avaliar as situações de dificuldades que levam à evasão, é necessário que em sua atuação possa identificar os fatores concretos responsáveis, pois dessa forma o educador terá a oportunidade de conscientizar-se sobre suas competências e poderá assim aperfeiçoar sua prática pedagógica e metodológicas.

Dessa maneira, quanto ao aluno que fracassa na escola, a origem desse fato, deve ser entendida que a culpa, as causas e consequências são resultados de um fenômeno de muitos fatores que interferem na vida educacional do estudante, que somados aos aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos, acabam levando o aluno a não aprender na escola, desmotivando quanto aos estudos e seus resultados futuramente

Como aborda Arroyo (1997), na maioria das causas da evasão escolar, a escola tem a responsabilidade de apontar a dinâmica disfuncional da família, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra. Sabe-se que a escola atual é preciso estar preparada para receber e formar estes jovens e adultos que são frutos dessa sociedade injusta e, para isso é preciso professores dinâmicos, responsáveis, criativos, que sejam capazes de inovar e transformar sua sala de aula em um lugar atrativo e estimulador.

Também a falta dos pais dos alunos à escola, a negligência familiar, gravidez precoce, consumo de álcool e substâncias entorpecentes, trabalho infantil, problemas de saúde, dificuldades de acesso à escola, envolvimento do aluno em práticas infracionais; violência no entorno da escola; abuso ou exploração sexual, são fatores que estão ligados a questões extraescolares e merecem análise dentro do contexto social mais amplo, por interferir na presença do aluno na escola..

Também o que culmina com o fracasso e a evasão escolar, é o convívio familiar conflituoso, a má qualidade do ensino, fatores psicológicos e comportamentais, entre outros fatores, são todos considerados partes integrantes e comuns desse problema, que pode ter jeito.

Portanto, é válido dizer que a evasão está relacionada não apenas à escola, mas também à família, às políticas de governo e ao próprio aluno que, pela situação econômica que vive e não tem vontade ou não vê a necessidade da continuidade de aperfeiçoamento para futuramente ter uma profissão ou que pelo tenha concluído o ensino. A escola precisa ter uma nova visão para esses fatores, a fim de intervir de uma forma preventiva. A pesquisa prosseguiu com a pergunta

sobre o perfil do aluno que estuda na escola, nos anos finais do Ensino Fundamenta.

Quadro 5- Trace o perfil do aluno do 6º ao 9º Ano que estudam na referida escola. **Fonte:** Professores da EMEF na comunidade Água Branca em Itaituba- Pará/2020

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	São adolescentes trabalhadores que por algum motivo perdem o interesse pelos estudos
P2	É aquele que não acredita que a educação seja o caminho para conquistar o que desejam e ter melhor condição de vida.
P3	O aluno que abandona está inserido nas questões financeiras, culturais e sociais. Para ele, conseguir como viver mais fácil, é a escolha.
P4	Os que abandonam a escola, são os adolescentes que não acreditam no retorno da educação e acham que trabalhar ganha dinheiro mais fácil, mesmo que seja no trabalho pesado.
P5	O aluno que evade, tem muitas necessidades, inclusive de trabalhar para ajudar sua família, onde conseguir dinheiro é mais fácil, principalmente na região garimpeira. Aí surge o desinteresse e estudar fica pra segundo plano mesmo.

Quanto aos professores pesquisados, o perfil do aluno dos anos finais do Ensino Fundamental, são adolescentes que trabalham, que não têm tanto interesse pelos estudos, pois não acreditam na educação para conquistar um futuro melhor. Também responderam que são alunos que estão inseridos nas questões financeiras e sócio- culturais e escolhem a forma mais fácil de viver. Estes, precisam trabalhar para ajudar a família e que ganhar dinheiro trabalhando nessa região é mais fácil, ficando os estudos para o segundo plano.

Percebe-se que na região campesina, na zona rural onde está localizada a escola, na comunidade "Água Branca", o mais viável meio e a mais fácil oportunidade de ter sucesso, é o trabalho e que os estudos sempre têm um retorno por um tempo muito longo. Ademais,

[...] a grande maioria da população de nossas escolas apresenta todos os tipos de problemas relacionados à desnutrição, fome, carência cultural e afetiva, falta de condições materiais e psicológicas para o estudo em casa, necessidade de trabalhar para ajudar no orçamento doméstico, bem como uma série de outros problemas, advindos do estado de injustiça social vigente e que comprometem o desenvolvimento do aluno na aprendizagem. (PARO, 1996, p. 143).

Neste sentido, fica evidente que estes problemas que causam a evasão escolar, estão sempre associados, não há possibilidade no aumento da renda de pessoas sem instrução, nem há como educar adequadamente crianças cujas

famílias vivem no trabalho pesado e não têm, sequer, trabalho menos e nem outras opções para sua sobrevivência.

Portanto, deve-se buscar uma aliança com a sociedade, a família, os alunos e as instituições de ensino superior e técnico, para trabalhar em projetos e fazer com que esses alunos permaneçam o maior tempo possível na escola de forma a contribuir para aumentar suas chances de quebrar essas ideias deque o estudo tem retorno lendo; mas sim, estudar tende a aumentar as chances de inserção no mercado de trabalho e maior inclusão na sociedade. Á seguir, a questão sobre as estratégias de incentivo e estímulo para os alunos concluírem seus estudos.

Quadro 6- Quase estratégias são utilizadas para estimular os alunos a permanecerem até a conclusão do curso? **Fonte:** Professores da EMEF na comunidade Água Branca em Itaituba-Pará/2020

PROFESSOR	RESPOSTAS
P1	São ministradas aulas motivadoras e que ajudam a todos conceberem conhecimento
P2	Busca-se inserir os pais na escola, para sentirem a necessidade de ajudar e motivar seus filhos a estudarem.
P3	Trabalhar metodologias que fascinem os alunos e os façam amar, gostas e quere voltar para a sala de aula.
P4	Procura-se conversar com eles, mostrando que os estudos é a melhor forma de vencer as dificuldades da vida, de forma duradoura.
P5	É preciso fazer o aluno se interessar pelos estudos, a fim de frequentarem a escola e querer estudar todos os dias, tendo em mente que a cada dia sempre possa aprender uma novidade.

Quanto às estratégias utilizadas para a motivação dos alunos chegarem à conclusão do curso, os entrevistados afirmaram que as aulas são motivadoras, buscam inserir ao pais na escola, utilizam metodologias que fascinam os alunos, dialogam sobre a necessidade de estudar para vencer as dificuldades profissionais com mais facilidades, e que a escola sempre promove algo novo a cada dia. Assim, trabalham a fim dos alunos não desistirem e frequentarem a escola

Neste sentido, quando o professor não tem condições mínimas para garantir um ambiente propício para a aprendizagem do aluno, através de suas práticas pedagógicas, estas ficam comprometidas, pois não se utilizam metodologias ou estratégias eficazes para conduzir o processo de ensinar e de aprender e fazer com o aluno permaneça em sala de aula.

Como se pode-se perceber, o professor, quando não consegue garantir um ambiente favorável à aprendizagem do aluno, frustra-se, principalmente quando reconhece que é de extrema importância o seu desempenho para que os alunos

obtenham êxito escolar, é preciso rever seus conceitos relativos às suas estratégias de trabalho.

Torna-se da competência do educador ter uma visão transformadora e construtiva de sua atuação profissional. Aliás, o professor, juntamente com o psicopedagogo e outros profissionais de educação, precisam detectar as dificuldades dos alunos, como também dos fatores que interferem em sua permanência na escola, sendo que esses profissionais devem assumir uma postura mediadora ao conduzir o processo de aprendizagem do educando que tende a evadir-se.

É importante mencionar que, geralmente no início do ano letivo, os professores já criam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos, os quais acabam sendo influenciados no seu desempenho escolar e, em especial, os educandos com uma trajetória de insucesso escolar. Pode ser que ocorra, numa perspectiva de visão do ambiente em que a escola está inserida.

Diante do exposto, Mello, (2000) enfatiza que o professor, cabe não se limitar ao aplicar conhecimentos, possuir características do investigador em ação: a capacidade de problematizar uma situação de prática profissional; de mobilizar em seu repertório ou no meio ambiente os conhecimentos para analisar a situação; de explicar como e por que toma e programa suas decisões, tanto em situações de rotina como diante de imprevistos, tendo a capacidade de fazer previsões, extrapolações e generalizações a partir de sua experiência, e registrá-las e compartilhando-as com seus colegas.

No entanto, nem só de um professor dinâmico, responsável e criativo depende a permanência de alunos com tendência ao fracasso no meio escolar; Porém, depende também, muitas vezes, única e exclusivamente, da boa vontade de permanência e a busca por conhecimento e aprendizagem, a busca pelo crescimento, pela vontade de mudar a forma de vida a que está inserido. Buscar mudanças e conhecimentos para que então possa dar um novo rumo a sua vida e, inclusive, a de seus familiares, pois, a melhor forma de poder mudar não é abandonar a escola, mas permanecer nela para poder mudar o curso que sua vida segue.

Diante disso, a educação pode ser definida como o conjunto de processos formativos do ser humano, nos quais o mesmo se torna sujeito e cidadão, com direito à sua cidadania, de usufruir de seus direitos na sociedade em que vive. Faz-

se necessário o desenvolvimento de sujeitos reflexivos e ativos sobre o mundo, que ao se tornarem cidadãos autênticos possam vivenciar os direitos e deveres compartilhados de forma equitativa por uma população.

Portanto, a educação como propulsora da cidadania constitui-se em vários processos que se articulam dialeticamente, uma vez que está além dos conhecimentos informais ou científicos, compreendendo também as construções afetivas, relacionais e criativas. Prosseguindo, procurou-se saber se os pais colaboram com a educação dos filhos na escola.

Quadro 7- Os pais colaboram com a educação dos filhos? Justifique sua resposta. Professores da EMEF na comunidade Água Branca em Itaituba- Pará/2020

Fonte:

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	Os pais pouco participam das reuniões e da vida escolar dos filhos.
P2	Nem sempre; dizem está sempre ocupados, pra eles, só o fato dos filhos orem para a escola, já é o suficiente.
P3	Poucos são os que contribuem com a educação dos filhos. Aliás, procuram a escola aleatoriamente, quando percebem que estão sendo procurados por alguma questão relativa aos seus filhos.
P4	Em reuniões, até que comparecem, mas pra irem à escola, isso não acontece. Assim, muitas vezes que aos filhos se desinteressam pelos estudos, já é tarde, por que já estão até reprovados por faltas.
P5	A maioria trabalha em garimpos, que não é próximo e por isso não aparecem como devem. Assim, por motivo de trabalho, deixam a escola em segundo plano. Mas quando podem, eles comparecem sim.

De acordo com a investigação, os pais não participam efetivamente como devem, da educação dos filhos; e como estão sempre ocupados, não comparecem à escola, resumindo-se apenas a algumas reuniões, quando convidados. O motivo, é que os mesmos trabalham em garimpos e só comparecem aleatoriamente.

É fundamental que as instituições de ensino tenham um relacionamento próximo com as famílias dos alunos, a fim de que eles possam ter todo o suporte durante o processo de aprendizado. O fortalecimento desse contato é totalmente positivo para todas as partes, porque com as escolas e os responsáveis cientes dos problemas que podem ocorrer, como as dificuldades de aprendizagem, fica muito mais fácil encontrar soluções em conjunto.

Participar da vida escolar do filho não significa apenas estar presente nas atividades especificamente programadas para contar com a presença dos pais —

como reuniões pedagógicas ou festas eventuais. O problema é que a rotina profissional de certas pessoas prevê dedicação absoluta — muitas vezes, com a permanência de um ou ambos os pais até mesmo fora da rotina familiar, trabalhando durante a semana em outras localidades.

Como assinala Carvalho (2000). Os pais juntos devem prestar apoio à criança que se desenvolve na escola, pois os pais devem servir de suporte para promoção de desenvolvimento do currículo escolar e se quiserem que seu filho tenha sucesso na escola é necessário fazerem das atividades familiares campos extensores das propostas escolares, já que os pais são convocados a participarem da vida escolar de seus filhos. .

Os pais são os primeiros responsáveis também pela educação escolar de seus filhos. É necessário que haja comunicação satisfatória na relação família-escola que cercam o aluno, a fim de que seja possível a exposição do que aprendeu, do que pode ser melhorado, do que está dando certo, gerando um bom convívio social dentro da escola, dentro de casa e na sociedade, nos grupos sociais aos quais o discente está inserido.

Neste contexto, é preciso enfrentar o fracasso escolar como um desafio de toda a sociedade brasileira, pois o futuro do país quanto ao desenvolvimento econômico, social e cultural poderá ser comprometido diante de índices ainda tão elevados de evasão e repetência nas escolas, ou aprovação sem assimilação do conhecimento. Pensar o fracasso escolar na perspectiva de sua superação pressupõe entende-se que a Pedagogia Histórico - crítica apresenta elementos importantes que devam ser considerados na prática educativa, pois valoriza o saber popular como ponto de partida para o processo de aquisição e construção do saber sistematizado.

Diante disto, o ato de educar não é tão somente uma produção social e como tal sempre está em processo de transformação, preocupando-se com todos os eventos que podem ocorrer na escola. Para que ocorra a transformação de um saber, depende-se do domínio dos saberes já produzidos, cuja transmissão-assimilação depende de métodos e como utilizar-se de recursos para superar, especialmente a evasão escolar.

. Portanto, a Pedagogia prima pelo conteúdo e também pela forma de transmissão e assimilação de conteúdos, pois considera que a própria expressão elaborada da consciência de classe, passa pela questão do domínio do saber e do

desenvolvimento integral do sujeito, com a frequência do educado em sala de aula. E isso está valendo para a escola pesquisada com sucesso, que precisa rever a evasão escolar como algo que pode e deve ser mudado.

3.5- PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Ao analisar a investigação ocorrida na EMEF na comunidade de Água Branca em Itaituba- Pará, percebe-se que umas das maiores consequências é o aumento das desigualdade social, de quem deve estudar, no entanto depara-se com uma oportunidade mais eficiente para ter o sucesso financeiro de forma mais rápida e eficaz. É uma condição que faz com que o aluno, ao abandonar a escola para trabalhar, encontra mais barreiras para voltar a estudar e, conseqüentemente, arrumar um emprego sólido, que lhe dê instabilidade financeira.

Diante dessa realidade, as causas da evasão, deve ser trabalhada com um olhar pedagógico e um trabalho coletivo de todos os que estão inseridos de forma direta e indireta na contexto escolar. Por isso, buscou-se sugerir algumas propostas para intervir na ocorrência da infrequência que consiste no abandono da escola pelos alunos do 6º ao 9º anos na referida escola pesquisada, que consiste em:

1. Utilizar-se de metodologias inovadoras para a motivação do aluno na escola.
2. Trabalhar projetos pedagógicos de forma coletiva a fim de interação social dos alunos.
3. Desenvolver oficinas pedagógicas interdisciplinares para proporcionar facilidades de aprendizagens aos alunos com dificuldades em determinadas disciplinas.
4. Inserir os pais na escola, por meio de eventos cívicos e sociais, palestras e reuniões.
5. A instituição escolar precisa constantemente tomar medidas para reduzir a evasão escolar, melhorar a qualidade do ensino e incentivar seus profissionais a se atualizarem.

Afinal, a partir dessas ações, a EMEF na comunidade Água Branca, conseguirá promover o engajamento dos alunos e favorecer o bom relacionamento com a família, evitando o abandono escolar e chegando ao sucesso educacional dos alunos.

CONCLUSÃO

Nos tempos atuais, a evasão escolar é um grande problema para a evolução do processo de educação no Brasil, já que impede o crescimento do desenvolvimento educacional, pessoal e profissional dos alunos. Desse modo, medidas, como melhorar a qualidade do ensino, aumentar o engajamento dos alunos e investir em formas inovadoras de aprendizado são essenciais para estimular a permanência dos estudantes.

Como forma de garantir a frequência dos alunos é fazer com que eles sejam e se sintam protagonistas, participantes ativos da vivência escolar. A escola não deve distanciar-se do aluno. Pois este precisa permanecer inserido nela. Diante disso, a pesquisa na EMEIF na comunidade de Agua Branca em Itaituba- Pará, evidenciou-se que a evasão escolar é uma realidade que se faz presente, devendo os inseridos trabalhar para amenizar essa situação. As causas são diversas, porém as mais visíveis consistem em trabalho para o sucesso financeiro de forma mais rápida, as dificuldades em português e matemática, apesar de todas as disciplinas, por conta de conteúdos diversos, torna-se difíceis também e por desinteresses dos próprios alunos.

Os professores diante da realidade procuram trabalhar estratégias metodológicas que buscam a motivação dos alunos, devendo aprimorar para que o sujeito permaneça em sala de aula. Mencionaram através do estudo que as consequências são o atraso educacional de quem precisa concluir um curso; pois os alunos são da zona rural, muitas vezes sem subsídios multimídias, distantes da zona rural, vivem alheios à tecnologia básica no mundo globalizado. Foi constatado que os pais precisam dar mais atenção aos seus filhos no ambiente escolar, pois não acontece na íntegra devido ao trabalho em garimpos para sustentar suas famílias; e apenas em algumas ocasiões comparecem – se à escola.

Dessa maneira, o fracasso escolar tem se configurado em uma realidade na escola, sendo evidenciado pela evasão escolar e repetência. A escola tem um papel fundamental para a mudança das condições de desigualdade, pois é pelo acesso ao conhecimento que a classe trabalhadora poderá mudar sua condição de exploração. O professor tem em suas mãos a possibilidade de promover o processo de humanização deste aluno, tornando-o consciente da realidade que o cerca e o instrumentalizando para o enfrentamento de sua condição de aluno trabalhador.

Mediante a evasão escolar, entende-se que a falta de prioridade para a educação pública e têm reflexos imediatos para a infância brasileira, pode impactar o cidadão, acumulando mais jovens e adultos sem condição de mobilidade social, com menos estudo e menos chances de inserção no mercado de trabalho, comprometimento da capacidade crítica e cívica, aumento do analfabetismo, das desigualdades sociais e cidadãos sem expectativas futuras.

Portanto, ao analisar o problema da evasão e fracasso escolar não se trata de encontrar culpados, quer seja no aluno, família ou professor, mas analisar as condições concretas de trabalho, as consequências da infrequência na escola, as políticas educacionais, como também o contexto social que deve trabalhar estratégias básicas para o aluno permanecer em sala de aula. Deve-se pensar no Projeto Político Pedagógico que norteia as ações desta escola, visando sempre a realidade da clientela da escola estudada, para evitar a evasão.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, M. (Org.) **O trabalho docente - teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 2003.
- AQUINO, Júlio Groppa. **O mal-estar na escola contemporânea: erro e fracasso em questão**. AQUINO, J. G. (Org.). In: **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- ARAÚJO, Marta Maria; **História Comparada da Educação**. Brasília: Liber, 2009.
- ARROYO, Miguel G. da. **Escola coerente à Escola possível**. São Paulo: Loyola
- ARROYO, Miguel G. **Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos**. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 71, p. 33-40, jan. 2000. 1997.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. 1988. São Paulo: 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Alunas e alunos da EJA**. Brasília: Coleção: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, 2006.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Evasão Escolar- INEP-Brasília**, 2009. Disponível em : [http:// www.inep.gov.br/pesquisa](http://www.inep.gov.br/pesquisa)
- CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito Constitucional e Teoria da Constituição**. 3 Ed. Coimbra: Editora Almeida, 1999.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- Carvalho, M. E. P. de. (2000). **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero** [Versão eletrônica], Cad. Pesqui, 110, 143-155.
- DIGIÁCOMO, Murilo José. **Evasão Escolar: Não Basta Comunicar e as Mãos Lavar**. Disponível em: http://w.ww.mp.ba.gov.br/infancia/evasao_escola_murilo.pdf. Acesso em Out/2020.
- DUARTE, Newton. Lukács e Saviani: **A ontologia do ser social e a pedagogia histórico-crítica**. In: SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia históricocrítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados.
- ESTEBAN, Maria Teresa (org). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Editora DP&A. Rio de Janeiro, 1999.

FRANCO, M. A. R. S. **A pedagogia como ciência da educação**. 3. ed. rev. e ampl. Campinas: Cortez, 2013a.

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. **Evasão Escolar**. Disponível em: <http://www.abmp.org.br/text> Acesso em 13/12/2020.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.
MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**, São Paulo: Abril Cultural, 2002.

GÓMEZ, A. I. Pérez. **As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência**. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MANTOVANINI, Maria Cristina. **Professores e alunos problema: círculo vicioso**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MARTINS, Eliana Bolorino Canteiro. **O Serviço Social na área da Educação**. In: **Revista Serviço Social & Realidade**. V 8 Nº 1. UNESP, Franca: São Paulo, 1999.

MELCHIOR, M. C. **O Sucesso Escolar Através da Avaliação e da Recuperação**. Porto Alegre: Premier, 2004.

MELLO FILHO, José Celso. **Constituição Federal anotada**. 2 Ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

MELLO, Guiomar Namo de. **Formação Inicial de Professores para a Educação Básica – Uma (re)visão radical**. 2000. Acesso em: 18 de março de 2016.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

NOSELLA, Paolo.Gaudêncio Frigotto (org). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA. Romualdo Portela de. **O direito á educação**. In: **Gestão, financiamento e direito á educação: análise da LDB e da Constituição Federal**. São Paulo: Xamã, 2001. <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84np1/> Copyright © 2020, Gazeta do Povo.

PARO, Victor Henrique. **Administração escolar: Introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

PATTO, M. H S. (1997). **Para uma crítica da razão psicométrica**. Psicologia USP, 1997.

PAULA, V. M. dos S. R. de. **Fracasso escolar: quem são os culpados?** 2009- [Versão eletrônica], Sciencult.

PIRES, J. **Pequenas Revoluções – Grandes Mudanças. Currículos flexíveis – desafio ou teimosia?** ES: Hoper, 2009.

SANTOS, B.S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. São Paulo: Cortez, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 2. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1991. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 5).

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- Pará, intitulado "Evasão "Escolar"

QUESTIONÁRIOS PARA OS PROFESSORES

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo () Feminino () Masculino

Idade: _____

Graduação: _____

Pós-Graduação: _____

Tempo de trabalho nesta escola: _____

Já trabalhou em outro estabelecimento de ensino? _____

1. Nesta escola, é frequente a Evasão Escolar? Fale sobre

2 Quais são os desafios dos professores com a evasão escolar?

3 Quais disciplinas os alunos têm mais dificuldades de aprendizagem?

4 Quais são Causas da evasão escolar?

5 Trace o perfil do aluno do 5º ao 9º Ano que estudam na referida escola.

6 Quase estratégias são utilizadas para estimular os alunos a permanecerem até a conclusão do curso?

7 Os pais colaboram com a educação dos filhos? Justifique sua resposta.

Obrigado !.